



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento



**ADOÇÃO TARDIA DE GÊMEOS: ESTUDO DE CASO DE UMA
FAMÍLIA ADOTANTE**

Márcia Luzia Silva de Oliveira



Belém-Pará

Março – 2013



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

**ADOÇÃO TARDIA DE GÊMEOS: ESTUDO DE CASO DE UMA
FAMÍLIA ADOTANTE**

Márcia Luzia Silva de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ecoetologia Humana

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Celina Maria Colino Magalhães

Co-orientação: Prof^ª. Dr. Janari da Silva Pedroso

Belém-Pará

Março – 2013



Dissertação de Mestrado

“Adoção Tardia de Gêmeos: Estudo de Caso de uma Família Adotante”.

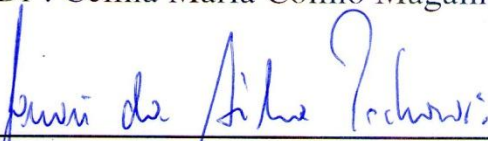
Aluna: MÁRCIA LUZIA SILVA DE OLIVEIRA

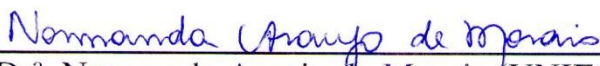
Data da Defesa: 06 de Março de 2013.

Resultado: Aprovada.

Banca examinadora:


Prof.^ª. Dr.^ª. Celina Maria Colino Magalhães (UFPA), Orientadora.


Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso (UFPA), Co-Orientador.


Prof.^ª. Dr.^ª. Normanda Araujo de Moraes (UNIFOR), Membro.


Prof.^ª. Dr.^ª. Ana Irene Alves de Oliveira (UEPA), Membro.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Oliveira, Márcia, 1973-

Adoção tardia de gêmeos: estudo de caso de
uma família adotante / Márcia Oliveira. - 2013.

Orientador: Celina Magalhães;

Coorientador: Janari Pedroso.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do
Comportamento, Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2013.

1. Adoção. 2. Adoção tardia. 3. Família. I.
Título.

CDD 23. ed. 155.445

Dedico este trabalho a minha mãe, Nilza Oliveira, a minha irmã Neuza Simone e aos meus sobrinhos Walter e Rafael, os amores da minha vida.

Dedico também a todos os pais e mães por adoção.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, o autor da vida, que me permitiu condições na realização deste sonho;

À minha mãe, Nilza Oliveira, meu alicerce familiar que esteve ao meu lado, me incentivando, me encorajando nos momentos de angustia e ansiedade ao longo desta trajetória, para chegar a este tão sonhado ideal. Obrigada!

À minha irmã, Neuza Simone e aos meus sobrinhos Walter Manoel e Rafael pelo carinho constante e por compartilharem a tornar esta pesquisa uma realidade concreta.

À família que me acolheu em sua residência, me recebeu com atenção, carinho, respeito e hospitalidade e, se permitiu expor suas histórias de vida, para que eu pudesse realizar este estudo. Obrigada!

A Prof^a Dr^a. Celina Maria Colino Magalhães pela orientação e oportunidades de crescimento.

Ao Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso, pela orientação, sabedoria, disponibilidade e interesse com que acolheu a minha investigação.

A todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento que compartilharam um pouco do seu conhecimento para que este estudo fosse possível.

As professoras membros da minha banca de qualificação Simone Souza, Lilia Cavalcante e Lúcia Isabel, por todas as valiosas contribuições;

A Prof^a Dr^a Ana Irene Alves de Oliveira e Prof^a Dr^a Normanda Araújo de Moraes por aceitarem o convite para compor a banca de defesa final.

À Lucilene Paiva, pelo convite aceito em participar da pesquisa e por ter demonstrado uma excelente assistente de pesquisa por sua amizade e apoio nos momentos de maior ansiedade;

Ao Grupo de Estudo e Apoio a Adoção – RENASCER, pelas discussões sobre adoção e amizades;

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa;

A todos os meus amigos e familiares, pela compreensão nos muitos momentos em que precisei ausentar em prol da concretização desta pesquisa.

A Marcilene Pinheiro, Cássio Danillo, Lorena, Thamyris Maués, Milene, Laudelina, Ivaldo e Narcilete pelo carinho, amizade e apoio fraterno;

A todos os colegas da pós-graduação e por estarem presentes ao longo deste processo;

Ao Laércio, secretário do mestrado, e a todos os bolsistas do programa que estiveram sempre a disposição em ajudar.

Enfim, gostaria de deixar a minha sincera gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e pelas oportunidades de desenvolvimento.

Lista de Figuras

Figura 1. Símbolos do genograma	40
Figura 2. Modelo de genograma	40
Figura 3. Representação da união do casal	40
Figura 4. Representação dos filhos	41
Figura 5. Genograma familiar de Eduardo	46
Figura 6. Genograma representativo do casal antes da adoção	48
Figura 7. Genograma representativo da relação familiar em situação triangular	53
Figura 8. Genograma representativo da relação familiar em conflito	55
Figura9. Genograma representativo do sistema familiar integrado	57
Figura10. Genograma familiar de um dia típico da semana	59
Figura 11. Genograma familiar de final de semana	61

Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sócio- demográfica da amostra	37
Tabela 2. Período da coleta de dados da pesquisa em Salinas	42
Tabela 3. Categorias de atividades desenvolvidas no subsistema parental	44

Lista de Siglas e Abreviaturas

TGS Teoria Geral de Sistema

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

GAA Grupo de apoio à Adoção

CNA Cadastro Nacional de Adoção

DC Diário de Campo

IR Inventário de Rotina

TD Tarefa Doméstica

CF Cuidado Físico

AP Atividades Programadas

Oliveira, M.L.S. de (2013). *Adoção tardia de gêmeos: estudo de caso de uma família adotante*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém, PA.

Resumo

A pesquisa descreve a transição da conjugalidade para parentalidade adotiva de gêmeos tardios, na faixa etária de três anos e meio. Com base na teoria estrutural sistêmica teve como objetivo analisar a relação de um casal na faixa etária de 50 a 63 anos de idade, assim, identificar os motivos, rotina e mudanças após a adoção. Foram realizadas entrevistas semiestruturada, entrevistas de genograma, inventário de rotina e diário de campo. A partir dos relatos foram extraídos os eixos temáticos: “O casal: características e funcionamento” e “A família adotante: rotina do casal e cuidado com os gêmeos”. Os principais resultados apontaram que, desde o início da relação, o casal já vivenciava diversas transições. Constatou-se que após a adoção, o papel da parentalidade gera um período de conflitos, crises, dificuldade em orientar, educar, estabelecer regras e limites as crianças que viveram institucionalizadas desde os sete meses de vida. Percebe-se no papel da esposa uma sobrecarga nos cuidados com as crianças, a família conta com o apoio de uma colaboradora nas tarefas domésticas e cuidados infantis. Além disso, o casal enfrenta alguns preconceitos da sociedade em geral, e pessoas mais próximas em relação à decisão de adotarem crianças maiores. Destaca-se que é necessário suporte psicológico as famílias adotantes durante e após o processo de adoção tardia e a importância de um estudo longitudinal.

Palavras-chave: Adoção tardia, família adotante, parentalidade adotiva.

Oliveira, M.L.S. de (2013). *Late adoption of twins: a single case study adoptive family*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém, PA.

Abstract

The research describes the transition from conjugality for adoptive parenthood of twins, at the age of three and half years. Based on the structural theory of systemic aimed to analyze the relationship of a couple age 50-63 years old, so, identify the reasons, routines and changes after adoption. It was used as instruments Semi-structured Interviews, Genogram Interviews, Routine Inventory and Daily Field. From the reports were taken two axis: “The couple: characteristics and performance” and “The adoptive family: couple and routine care of the twins.” The main results indicate that since the beginning of the relationship, the couple already experiencing several transitions. It appears that after the adoption, the role of parenting creates a period of conflict, crisis, difficulty in orienting, educating, establishing rules and limits children who lived institutionalized since seven months. It can be seen in the role of wife overload in child care, the family has the support of a cooperating in housework and childcare. In addition, the couple faces some prejudices of society in general, and those closest to the decision to adopt older children. It is noteworthy that need psychological support families adopters during and after late adoption process and the importance of longitudinal study.

Keywords: Late Adoption, adopting family, parenthood adoptive

Sumário

Apresentação	15
A Teoria Estrutural sistêmica	17
Transições da conjugalidade para parentalidade	20
Adoção	23
Motivação	29
Adoção Tardia	31
Objetivos	35
Geral	35
Específicos	35
Método	36
Delineamento	36
Participantes	36
Ambiente	37
Instrumentos	38
Procedimento	41
Resultados e discussão	46
Considerações finais	63
Referências	66
Anexos	72
Anexo 1. Inventário de rotina	73
Anexo 2. Roteiro de Entrevista de Genograma	74
Anexo 3. Símbolos do Genograma	75
Anexo 4. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)	76
Anexo 5. Curso de Pretendentes à Adoção 2013	77

APÊNDICES	78
Apêndice 1. Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada	79
Apêndice 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	80

Apresentação

No contexto brasileiro, candidatos à adoção fazem fila à espera de bebês, se comparado à faixa etária de crianças maiores. Sobre estes existe no imaginário cultural temores na adoção destas crianças, que se encontram fora de um contexto familiar, por muito tempo, e as quais já estabeleceram relações com os seus pares e educadores.

Esse cenário pode ser responsável pelos poucos estudos empíricos das trajetórias de adotantes tardios, antes e após a adoção. O presente estudo constitui-se uma iniciativa de descrever e discutir episódios da vida de um casal, na faixa etária de 50 a 63 anos, motivados ao exercício da parentalidade de um casal de gêmeos de três anos e meio. Nesse contexto de discussão realizada pela díade conjugal, será utilizado o termo parentalidade, para indicar a condição de tornar-se pai e mãe por adoção ou biológico. Trata-se de um neologismo introduzido no final dos anos 50, pelo psicanalista americano Thomas Benedekt, que criou o termo *parenthood* (Vidigal & Tafuri, 2010).

O trabalho tem como objetivo principal analisar a relação de um casal adotante antes e após a adoção tardia de gêmeos que se encontravam em acolhimento institucional desde os sete meses de vida. Na literatura brasileira, estudos sobre gêmeos adotados ainda são incipientes. Encontrou-se um estudo empírico relacionado a este tipo de adoção. Brioschi, Bronzoni, Pereira e Cruz (2012) relatam um estudo de caso de um casal adotante de bebês gêmeos na cidade de São Mateus – ES. Os principais resultados apontam que o casal desejava vivenciar todas as etapas do desenvolvimento infantil, e ao comparar com a proposta aqui apresentada, a convergência dos dados é o fato da adoção ser de gêmeos, mas bebês, o que diferencia sobremaneira da adoção realizada pelos participantes do estudo aqui proposto. Contudo, servirá de base por investigar o papel da parentalidade de gêmeos.

Serão apresentados tópicos referentes à investigação das funções e papéis parentais, bem como aspectos de cuidados do desenvolvimento infantil que permitirá vislumbrar com maior clareza o contexto familiar ora marcado por mudanças no início da história da relação conjugal, bem como ao exercício do papel parental por adoção. Considerou-se o corpus de análise do trabalho os delineamentos do estudo de caso de Yin (2005), fundamentado na teoria estrutural sistêmica de família.

O primeiro capítulo aborda a fundamentação teórica sistêmica de família, relação conjugal para parentalidade adotiva e estudos empíricos sobre adoção. No segundo capítulo, referente à metodologia utilizou-se: análise de entrevista semi-dirigida, diário de campo, inventário de rotina e entrevista de genograma. Foram realizadas leituras rigorosas e categorização dos dados coletados em duas temáticas gerais: a) O casal: características e funcionamento antes da adoção, contém subcategorias: história do casal, em como se identificavam enquanto díade, como lidavam com as mudanças, motivação à adoção e trajetória do casal à adoção; b) A família adotante: rotina e cuidados com os gêmeos incluem as seguintes subcategorias: mudanças do casal após a adoção dos gêmeos, rotina e cuidado com as crianças. Buscou-se no Inventário de rotina (Silva, 2006) categorias de atividades desenvolvidas no subsistema parental: Tarefas domésticas (TD), Cuidado físico (CF), Lazer, Estudo, Atividades Programadas e Trabalho, bem como no instrumento de genograma em dar visibilidade à representação gráfica em torno da história do casal e as mudanças ao longo do subsistema familiar.

No entanto, para uma melhor compreensão desse panorama atual, faz-se necessário entender a família segundo a teoria estrutural sistêmica, mediante alguns estudos empíricos que permitam traçar um breve histórico sobre relação conjugal e os motivos que levam à busca pela parentalidade adotiva.

A Teoria Estrutural Sistêmica

Para entender a família segundo a teoria estrutural sistêmica, inicialmente deve-se compreender a base filosófica que norteia o conceito sistêmico, a Teoria Geral de Sistema (TGS). Bertalanffy (1975), biólogo alemão, um dos mais importantes cientistas do século XX, elaborou a TGS. Segundo o autor é uma teoria que visa melhorar a compreensão sobre sistemas abertos, que estão constantemente interagindo com o meio ambiente. Assim, nessa visão, o sistema é qualquer organismo em mútua interação, que caracteriza um conjunto de elementos interdependentes e integrados que formam um todo organizado, podendo ser composto de sistemas menores denominado de subsistemas. Isto é, elementos interdependentes que interagem para atingir um objetivo comum.

Com base nos estudos de Bertalanffy, Minuchin (1982) discute a abordagem estrutural do modelo familiar, definindo a família como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que possuem características próprias e estão em constante interação. O autor ressalta que subsistema pode ser caracterizado como um membro da família (subsistema individual), ou por díades esposo-esposa (subsistema conjugal), pais-filho (subsistema parental), irmão-irmã (subsistema fraternal) ou grupos maiores que possibilitam a formação de outros subsistemas, por geração, sexo, interesse ou por função.

Sendo assim, estes subsistemas funcionam em conjunto, como um núcleo e exercem impactos nos restantes subsistemas que fazem parte da unidade familiar, e estabelecem deste modo, uma reorganização na estrutura do sistema. Por meio da teoria sistêmica, é possível analisar a família, uma rede complexa de relações em que se diferencia e exerce suas funções através de subsistemas.

Nesta linha teórica de abordagem da família, cada membro é um subsistema, nos quais exercem suas funções em diferentes níveis de poder e desenvolvem habilidades diferenciadas. Além de toda a dinâmica familiar interna de funcionamento há vários outros sistemas externos que também exercem importante influência na atuação e interação dos membros familiares. Para Minuchin (1982) a família é capaz de se adaptar a vários estágios de desenvolvimento através de subsistemas em diferentes contextos, tanto quanto através de participação em grupos extrafamiliares. Frente a tais perspectivas o modelo estrutural sistêmico parte da noção de que a família é única, intrinsecamente encaixada em um amplo sistema familiar.

De acordo com Minuchin (1982) a família é um sistema que estabelece padrões transacionais que reforçam o sistema. O autor destaca quatro aspectos essenciais para o seu funcionamento: estrutura, regras, subsistemas e fronteiras. (1) a estrutura pode ser compreendida como indicador de rotinas e tarefas diárias, isto é, um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza o modo dos membros familiares interagirem (2) as regras regulam as transações dos subsistemas no âmbito familiar, (3) os subsistemas são os indivíduos dentro da família e (4) as fronteiras de um subsistema são as regras invisíveis que envolvem os indivíduos e subsistemas.

As fronteiras entre os subsistemas resultam dos tipos de regras e normas que definem a qualidade e a forma de suas relações. Minuchin(1982) classifica as fronteiras em *difusas* onde há excesso de comunicação e preocupações entre os membros familiares e conseqüentemente uma menor distância entre eles, são fronteiras anuviadas. Outras famílias desenvolvem fronteiras *rígidas* que impedem a comunicação e as funções protetoras da família são explicitamente restritas. O autor pontua a fronteira *nítida*, a mais adaptativa para o funcionamento da família, pois permite que os membros do subsistema levem a cabo as suas funções, sem interferência indevida, ao mesmo

tempo em que admitem contato entre os membros de diferentes subsistemas. De Antoni (2005) corrobora a ideia do autor identificando que as fronteiras definem os limites que os membros familiares interagem e se diferenciam em seus papéis que configuram a estrutura familiar. Bertalanffy (1975) também apresenta a noção de fronteira. O autor argumenta que não se pode traçar exatamente os limites de um organismo, pois as fronteiras estão sempre em processo de mudanças.

As mudanças inerentes aos sistemas abertos representam as transformações ocorridas ao longo do ciclo de vida. Assim, essas mudanças no desenvolvimento caracterizam transições, a terminologia transição é própria da abordagem sistêmica de família. Desse modo, os processos de transição exigem um reajustamento e reorganização por parte dos cônjuges. Bronfenbrenner (1996) apresenta o conceito de transição ecológica como a consequência de uma mudança de papel, ambiente ou ambos na vida da pessoa em desenvolvimento.

Na opinião de Caillé (1994) o casal enquanto unidade composta por dois indivíduos compõe uma relação de três partes, através da operação, $1 + 1 = 3$. Neste sentido, a metáfora do autor deve ser observada individualmente, além da representação “nós”. A relação do casal, enquanto sistema possui elementos distintos dos restantes sistemas relacionais, que evoca conflitos ligados à proximidade e autonomia, com lugar para eu, tu e nós. Féres-Carneiro (1998) vem corroborar o autor ao salientar que o casal constitui duas individualidades e uma conjugalidade.

Sobre tornar-se um casal Carter e McGoldrick (1995) enfatizam que é uma das transições mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar. Assim, a forma como o casal vivencia a sua relação conjugal vai ser especialmente importante na transição da

conjugalidade para parentalidade, sobretudo por representar um período de *stress*, crise e alterações de papéis quando nasce uma criança.

Quando um casal se une, forma-se um novo subsistema familiar, processos de mudanças são caracterizados no contexto em que a díade está inserida, bem como o desenvolvimento de estratégias adequadas que são acomodadas e assimiladas às preferências um do outro. Os papéis mudam se antes a rotina que tinham a dois, por exemplo, agora com o nascimento de um novo membro precisam desempenhar tarefas domésticas de como cuidar de uma criança e a necessidade de se adequarem ao novo ritmo de vida, o funcionamento de um interfere sobre o outro (Minuchin, 1982).

Transições da conjugalidade para parentalidade

Os estudos realizados sobre transição indicam que o nascimento de um filho resulta num dos principais momentos significativos em tornar-se pai e mãe, mudanças individuais e conjugais na adaptação de um novo papel irreversível. A formação de uma nova família elucida inúmeras mudanças tanto na vida do casal bem como na de sua família de origem, exigindo que o sistema conjugal se adeque a nova realidade. Dessa forma, é necessária uma reorganização tanto do casal no que diz respeito ao relacionamento, aos papéis de gênero e além de uma reconfiguração nas fronteiras familiares que se alteram com a chegada de um novo membro (Carter & McGoldrick, 1995).

Quando se trata do processo de filiação biológica ou adotiva em qualquer tipo de família, é preciso elucidar as funções que o casal e cada um dos membros, individualmente, exercerá junto a criança, o desempenho de funções de proteger, educar, alimentar, cuidar entre outros. Minuchin (1982) salienta modificações para

satisfazer os requisitos ao exercício da parentalidade, e acrescenta que quando as crianças crescem suas necessidades de nutrir, de guiar e controlar demandam funções dos pais em priorizar estratégias para satisfazê-las, além de condições materiais, físicas, psíquicas, bem como a construção de regras e limites necessários ao desenvolvimento dos filhos.

Nesta perspectiva, compreender como a nova família funciona é preciso refletir sobre suas transições, isto é, o modo de funcionamento, funções e papéis atribuídos ao casal de acordo com o contexto da parentalidade. Estudos de Bossardi e Vieira (2010), Sutter e Bucher-Maluschke (2008) e Andrade, Costa e Rossetti-Ferreira (2006) salientam que a estrutura familiar ultimamente passa por transições nos papéis maternos e paternos, na medida em que os pais desempenham papéis e funções diferenciadas na dinâmica familiar. De acordo com esses autores, no contexto atual, o papel da mulher no mercado de trabalho reflete mudanças na função do pai em tornar-se o cuidador dos filhos.

A pesquisa de Bossardi e Vieira (2010) ressalta mudanças nas configurações familiares, por estarem associadas a padrões culturais e conseqüentemente aos conceitos que envolvem os pais no desempenho de mais de um papel ou função no contexto familiar, tais como: as interações dos pais com os filhos em ser companheiro, cuidador, protetor, entre outros. Sutter e Bucher-Maluschke (2008) corroboram estudo anterior ao salientarem que a paternidade participativa rompe com o modelo tradicional de masculinidade, no sentido de envolvimento dos pais nos cuidados infantis e nas atividades domésticas, dados corroborados no estudo de Sonogo e Lopes (2009) em que as mães relatam que os esposos são excelentes cuidadores e bons pais.

Na pesquisa de Andrade, Costa e Rossetti-Ferreira (2006) com pais adotivos de recém-nascidos também se verificou a função do pai cuidador e provedor, bem como o

apoio à esposa na preparação do banho, trocar fraldas ou simplesmente ser um ajudante de alguns cuidados infantis, por acreditarem que há cuidados específicos de papéis femininos. Os resultados do estudo apontam que a mulher inserida no mercado de trabalho ainda é a principal responsável pelo cuidado dos filhos e tarefas domésticas.

Diante das discussões acerca dos estudos (Bossardi & Vieira, 2010; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Andrade, Costa & Rossetti-Ferreira, 2006), pode-se sintetizar que a parentalidade é construída na relação entre o casal nos cuidados com os filhos.

Sabe-se que transições da conjugalidade para parentalidade nem sempre são tranquilas. A construção do papel de pai e mãe na filiação adotiva está relacionada a diversos atributos que vão além do desejo de tornar-se pai e mãe. McKay e Ross (2010) e Fontenot (2007) argumentam que a transição para parentalidade adotiva é única, mães adotivas não possuem as mesmas oportunidades de preparação que uma mãe biológica, acompanhamento na gravidez e o nascimento de um bebê, mas transição simultânea a adaptação do filho num tempo indeterminado. Os estudos apontam sentimentos e experiências similares em mães biológicas e adotivas na transição materna, dados corroborados no estudo de Sonego e Lopes (2009).

Destaca-se que neste período de transição, a necessidade de apoio de outros colaboradores na tarefa de educar os filhos. O estudo de Moreira e Biasoli-Alves (2007) aponta pessoas de confiança na função de cuidadores dos filhos, além da ajuda das instituições de educação infantil que também compartilham a educação da criança. Acredita-se que seja relevante dar uma atenção na literatura sobre o que é adoção e suas especificidades.

Adoção

O termo adoção vem do latim *adoptare*, isto é, aceitar, escolher, desejar uma criança gerada por outros. Segundo Souza (2008) adotar é amar, é o desejo de exercitar a maternidade e paternidade. Ainda para a autora, a adoção é um processo judicialmente legal e seguro, para o qual se exige a preparação emocional dos candidatos adotantes. Schettini Filho (1998) corrobora a autora a importância da preparação e espera de uma “gestação adotiva”. O autor ressalta que adotar não é simplesmente realizar o sonho da parentalidade no preenchimento de um vazio existencial, bem como a busca de companhia ou simplesmente em poder ajudar uma criança que se encontra institucionalizada. Para o autor adotar é pensar nos direitos da criança em primeiro lugar. Schettini (2007) afirma que a adoção precisa ser bem orientada e planejada e não o desejo de ajudar uma criança.

A adoção de crianças e adolescentes é regida pela Lei 8069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Essa Lei atribui a criança adotada a condição de filho, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios que os filhos biológicos possuem, desligando-o de qualquer vínculo com seus pais e parentes de origem, salvo os impedimentos matrimoniais. A adoção é medida irrevogável, no entanto, desistências posteriores à entrega da criança à família adotiva só se tornam juridicamente possíveis, caso o processo ainda esteja em andamento, ou seja, em período anterior à sentença (definitiva) de adoção.

A mais nova legislação referente à adoção é a Lei nº. 12.010/09, que dispõe sobre a adoção e também procura aperfeiçoar a sistemática prevista no ECA, para garantia do direito à convivência familiar para crianças e adolescentes, em suas mais variadas formas. Enfatiza que a adoção é a última das opções como mecanismo de garantia do direito à convivência familiar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, em seu artigo 42, institui que “podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil”. Para Dias (2003), diante da ausência de impedimento, devem prevalecer as determinações do artigo 43 do ECA, que “a adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotado e fundar-se em motivos legítimos”. A Lei brasileira proíbe adoção por parentes ascendentes - avós e bisavós - ou descendentes – irmãos. Entretanto, tios e primos podem adotar, não existe limite máximo de idade para o pretendente a uma adoção.

A adoção além de ser um ato jurídico que cria entre adotantes e adotados uma relação legítima de filiação é um ato de amor, que tem como um de seus principais objetivos garantir o direito da criança e do adolescente à convivência familiar e comunitária. De acordo com o ECA no artigo 39 § 1º, a adoção só deve ocorrer quando forem esgotados todos os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família de origem ou extensa. Por isso, é uma medida excepcional.

O vínculo da adoção constitui-se por sentença judicial, onde ocorre a transferência dos direitos parentais. Essa transferência é total e irrevogável. A criança assume a condição de filho/a, há a substituição dos direitos e obrigações da família de origem para a família adotante e a identidade legal é alterada.

No processo de adoção primeiro os candidatos se inscrevem em um Cadastro Nacional nas comarcas onde reside. O objetivo deste cadastro é aumentar o número de adoção de crianças que, às vezes, por características peculiares, não são aceitas num Estado, mas serão em outro. Em seguida, devem frequentar curso de preparação, pois a Lei nº12.010/09 impôs em seu artigo 6º, a todos os pretendentes já cadastrados, a

obrigação de frequentar o curso de preparação psicossocial e jurídica, no prazo de um ano a contar da entrada em vigor da Lei, sob penalidade de cassação da inscrição.

Essa preparação é realizada principalmente por psicólogos e assistentes sociais, que apresentam relatório minucioso acerca da conveniência para o deferimento do processo de adoção (Art.46). Em Belém-PA o Curso de pretendentes a adoção surgiu em 2007, através de parceria entre o Grupo de Estudo e Apoio a Adoção de Belém Renascer, o Tribunal de Justiça do Pará e a Escola de Magistratura, com a finalidade de contribuir com a formação de indivíduos que desejam exercer o papel da parentalidade adotiva.

Essa Lei prevê exceções no caso de adotantes sem prévia inscrição, caso a equipe identifique vínculo de afinidade e afetividade entre a criança e quem deseja adotá-la. Então, a colocação da criança ou adolescente em família adotante será precedida de preparação gradativa para a nova situação familiar e acompanhamento posterior (estágio de convivência), que deve ser realizado por equipe multiprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude. A intervenção da equipe técnica após o processo de adoção é de acompanhamento, visa o bem estar da criança adotada, pois uma vez deferida é irrevogável, com a elaboração de nova certidão de nascimento que possibilita até a alteração do nome da criança.

Porém, a realidade brasileira tem demonstrado que, devido a diversos motivos, entre eles a falta de profissionais, o acompanhamento após o processo de adoção pouco ocorre, por isso é importante destacar o trabalho dos Grupos de Apoio à Adoção (GAA) que possuem basicamente duas finalidades: a primeira é a de educação e informação, assim como de apoio e acompanhamento dos processos emocionais de seus

participantes em relação ao tema da adoção; a segunda é trabalhar com a adoção como projeto social (Schreiner, 2004).

No Brasil existem diversos GAA, organizações da sociedade civil, que são formadas por pessoas de diversas formações acadêmicas que trabalham para garantir a criança ou adolescentes o direito a viver em família. Em Belém - PA, o Grupo de Estudo e Apoio à Adoção Renascer é uma organização sem fins lucrativos, formada por pais e filhos por adoção, pretendentes a adoção, profissionais e pessoas que se interessam pela temática.

Segundo Schreiner (2004) esses grupos geralmente nascem por iniciativa de pais por adoção, ou profissionais que atuam na área da Infância e Juventude. Os grupos de adoção oferecem espaços para reflexões de temas de interesse dos participantes, realizam conferências, apresentam depoimentos e estudam a literatura sobre o tema adoção. É válido ressaltar que esses grupos não realizam adoções, e sim trabalham como apoio complementar aos serviços oficiais.

Para Weber (2009) o tema “adoção” tem avançado em termos de divulgação ao público leigo, muito mais pelo trabalho realizado por pais adotivos, GAA, pelos pesquisadores e profissionais das áreas afins, como Psicologia, Direito e Serviço Social. A autora afirma que o grande desafio para GAA é alcançar a essência da Adoção: um gesto de amor solidário e a preparação dos pretendentes à adoção. Pesquisas realizadas por (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Dias, Silva & Fonseca, 2008; Gondim, Crispim, Huber & Siqueira, 2010; Fernandes, Rosendo, Brito, Oliveira & Nakano, 2008; Weber, 2011) corroboraram a necessidade de se efetivar a preparação, orientação e acompanhamentos psicológicos de adotantes e adotados.

É relevante afirmar que para compor a equipe profissional do judiciário exige-se uma boa qualificação, pois lidam com questões delicadas envolvendo relações humanas, onde ocorre ruptura de ligação entre pais e filhos, além de intervenções no processo de adoção, bem como identificar reais vantagens do processo adotivo na constituição de uma nova família (Weber, 2009).

De acordo com Schreiner (2004) uma criança ou adolescente sem família é um problema de saúde, de assistência, uma questão de justiça e uma responsabilidade pública, uma vez que, algo fundamental está faltando ao desenvolvimento pleno, comprometendo a formação de um cidadão brasileiro. Para o autor, é necessário desenvolver estratégias para o fortalecimento da família no sentido de evitar o abandono ou a inserção de uma criança ou adolescente em uma nova família.

Segundo Vargas (1998) a adoção sempre existiu, porém não se sabe historicamente com exatidão o seu surgimento e apesar de ser uma prática comum em nossa sociedade desde remotos tempos, ainda continua sendo cercada de silêncios e preconceitos.

De acordo com Ariès (2006) é a partir do século XV que surge o sentimento de família, porém somente no final do século XVII, devido ao processo de escolarização, é que se iniciou o reconhecimento e a preocupação com a criança enquanto um ser em desenvolvimento. Passou-se a reconhecer as peculiaridades referentes às etapas da vida infantil, sendo a família a instituição responsável por cuidar e acompanhar as crianças.

Nos dias atuais existem diversas configurações familiares e não apenas a família nuclear da modernidade com pai, mãe e filhos. Os laços familiares são valorizados e socialmente reconhecidos, a criação e educação das crianças nascidas da união de um casal são de responsabilidade primeiramente da família, mas nem sempre a família tem

condições de cuidar de forma adequada de suas crianças. Muitas vezes, elas são negligenciadas por seus responsáveis, que em situações extremas podem perder a guarda de seus filhos, sendo estes encaminhadas para locais de acolhimento institucional e algumas vezes ficando disponíveis para adoção. Dos Santos, Raspantini, Silva e Escrivão (2003), ao discorrerem o percurso da adoção, afirmam que existem pais biológicos impossibilitados de criar seus filhos e os disponibilizama adoção.

Mariano e Rossetti-Ferreira (2008) salientam que a adoção constitui-se em uma das formas de colocação de crianças e adolescentes em uma família substituta, pressupondo-se a perda do poder familiar pelos pais biológicos e a aquisição de um novo vínculo de filiação pela criança. Desse modo, a adoção não parece como um meio de resolver problemas sociais, como abandono e a institucionalização, mas sim como um direito de todo indivíduo a ter uma experiência de convivência em família, seja biológica ou adotiva.

No Brasil, cultua-se o laço de sangue e nas famílias adotivas quando o comportamento da criança adotada não ocorre de acordo com o esperado, a responsabilidade por este comportamento é atribuída aos genes dos pais biológicos, o “sangue ruim”. Mas se ocorre de acordo com o esperado, os pais adotivos atribuem o sucesso desse comportamento à educação proporcionada. Quando se tem um filho adotivo é necessário que ele esteja ciente de que é adotado, o estereótipos em relação à adoção advêm principalmente da mídia e de histórias que generalizam casos mal sucedidos de adoção (Weber, 2009). Esta mesma percepção foi observada nos estudos de Schettini Filho (1999), o qual afirma que a decisão em adotar implica a revelação em contar que o filho é adotado.

Na literatura específica desta área o tema adoção envolve a transformação de uma decisão individual em decisão conjunta, relevantes à motivação da busca da filiação adotiva.

Motivação

Na compreensão da motivação que levam candidatos à adoção emerge o desejo para parentalidade através dos vínculos afetivos e afinidades que independem dos laços sanguíneos. O desejo de se consolidar um vínculo de parentalidade em função da não ligação biológica, pode levar os pais adotivos a idealizarem suas crianças com eles próprios ou comparando-as a algum membro da família. Tais expectativas priorizam toda a dinâmica da adoção, o que consolida a aceitação da criança real por eles imaginada (Vargas, 1998).

Em face da idealização da criança, os pais adotivos vivenciam conflitos e crises gerados pela adoção, tais como sentimentos de empatia pela criança a possíveis dificuldades de lidarem com comportamentos ou tensões geradas pela aceitação da criança na família extensa (Vargas, 1998).

Gondim et al.(2008) com 10 pais na faixa etária de 20 a 69 anos utilizou temas: (1) motivação, (2) parentalidade, (3) expectativas em relação ao processo de seleção, (4) tipos de informações recebidas, (5) de quem partiu a ideia, (6) quando resolveram se candidatar a pais adotivos, (7) existência de preferência por algum tipo de criança, (8) adoção de uma criança diferente do modelo idealizado, (9) receio em relação à adoção e (10) busca de aconselhamento psicológico durante o processo. Os principais resultados indicaram (1) a motivação à adoção foi o desejo de ter filhos, (2) burocracia e lentidão nos processos, (3) participação em grupos de apoio, (4) a ideia partiu da mulher, (5)

decisões compartilhadas. Os autores salientam que o tempo de espera do processo de adoção é desmotivante e sem acompanhamento psicológico. O estudo de Huber e Siqueira (2010) corrobora os autores ao apontar o elevado tempo na fila de espera, que varia entre seis a três anos e meio e a realização de apoio durante e após a adoção.

Ebrahim (2001) comparou uma amostra de 27 adotantes tardios e 55 adotantes precoces (bebês). Os resultados apontam a hipótese de que adotantes tardios fossem mais altruístas, maduros e estáveis emocionalmente. Segundo a autora, os adotantes tardios têm um nível socioeconômico superior mais elevado e possuem filhos biológicos, são maduros, estáveis emocionalmente, mais altruístas em comparação aos adotantes precoces. As principais conclusões indicaram que os adotantes tardios agem por uma orientação altruísta o que influencia a forma de como o ser humano responde a necessidade do outro. Ainda no que tange a motivação Weber (2011) pondera que os adotantes altruístas não escolhem a criança ou se preocupam com características físicas.

Os resultados do estudo de Reppold e Hutz (2003) destacam vários motivos para adoção, que vão desde problemas de infertilidade e o interesse social de cuidar de uma criança. Os autores classificam as motivações em: altruístas relacionadas ao desejo social de beneficiar uma criança ou adolescente, e hedonistas aquelas relacionadas ao desejo pessoal de ter um filho. Souza (2008) corroborando os autores salienta que o desejo pela parentalidade adotiva não pode ser realizada de forma impulsiva, por piedade ou gratidão, tão pouco para alcançar a realização de metas pessoais.

Dias, Silva e Fonseca (2008) investigaram adoção de crianças maiores a partir da experiência de quatro pais. A análise dos dados mostrou que a motivação estava relacionada ao puro altruísmo, o desejo pela parentalidade e a necessidade de companhia.

O estudo de Denby, Alford e Ayala (2011) relatam processos de adoção de crianças e adolescentes nos EUA. Os resultados do estudo indicam que as motivações à adoção foram infertilidade da mulher, o desejo pela parentalidade e impossibilidade de nova gravidez por adotantes com filhos biológicos. Destaca-se ainda, que, os adotantes solteiros, de meia idade e os casais homossexuais preferem adoção de crianças maiores, por não terem o desejo de passarem pela experiência de cuidar de um bebê.

Aproveitando a ênfase dada às motivações sobre processos de adoções que a literatura acima destacou, volta-se agora à discussão para a questão da adoção tardia, principalmente no Brasil.

Adoção tardia

A literatura sobre adoção de crianças maiores utiliza o termo *adoção tardia* em que é designada a partir da faixa etária de dois anos (Costa e Rossetti-Ferreira, 2007; Ebrahim, 2001; Schettini, 2007; Weber, 2011). A decisão de adotar crianças maiores está relacionada a uma visão altruísta, no desejo de valores solidários e religiosos (Ebrahim, 2001; Dias, Silva e Fonseca, 2008).

Os resultados obtidos nos estudos de Oliveira e Reis (2012) sobre o perfil dos adotantes inscritos no Cadastro Nacional de Adoção – CNA, revela que hoje existem 27.437 aptos adotarem. As pessoas inscritas manifestaram preferência por bebês, meninas, brancas, com até três anos de idade. Sabe-se que poucas crianças estão disponíveis e se encaixam no perfil exigido. As autoras exemplificam que 19.641 são crianças do sexo masculino e 17.599 referentes ao sexo feminino. Segundo o CNA, a região Norte possui 113 crianças e adolescentes em acolhimento institucional aptos à adoção. Essa realidade também foi apontada nos estudos de Vargas (1998) e Weber (2011).

Souza (1999) relatou em seu estudo que muitos casais preferem adotar bebês e outros demonstram preferências por crianças maiores. Neste caso, a autora salienta uma prévia preparação do casal e criança, por meio de contatos preliminares, passeios, visitas e observações. A autora também constata que neste período de adaptação permite-se a ambos os lados uma sondagem que evita falsas idealizações. Neste estudo, a autora corrobora sua hipótese de que para o sucesso familiar, a vinculação afetiva não é imediata, ocorre em um período de convivência gradativamente, com a assimilação de regras, limites e valores de uma nova vida em família.

A família adotante precisar ser paciente, tolerante e carinhosa a fim de que a criança assimile também os seus limites e possa sentir-se segura. Alguns adotados tardios podem apresentar dificuldades em adaptação escolar, medo de serem devolvidos e como forma de demonstrarem tais ansiedades faz xixi na cama, tocam nas genitálias, se apropriam de objetos alheios ou testam o afeto e atenção recebidos dos pais (Souza,1999).

Nessa mesma direção estão os estudos de Vargas (1998) e Weber (2011) que apresentam algumas características que adotados tardios podem vivenciar no processo de pós- adoção, conflitos e comportamentos agressivos, geralmente interpretados como formas de testar, desafiar os pais. Os estudos também trazem reflexões sobre momentos regressos nas habilidades infantis, tais como pedir para tomar mamadeira, comer com ajuda entre outros.

Costa e Rossetti-Ferreira (2007) enfatizam as dificuldades de adaptação, construção das regras, mudanças na rotina do casal e a relação de parentalidade e de afeto com uma criança maior. As autoras argumentam que estratégias são necessárias a esta faixa etária para facilitar a vinculação afetiva. Ainda, as autoras consideram a

adaptação uma fase complexa porque as crianças interagem e apresentam suas próprias opiniões.

Na revisão bibliográfica de Jopperr e Fontoura (2011) destaca-se a necessidade de preparação psicológica para adoção tardia porque os adotantes poderão viver possíveis dificuldades que crianças maiores trazem, bem como um repertório de comportamentos desenvolvidos.

Schettini (2007) relata que a adoção tardia provoca na sociedade impactos por expor as diferenças entre os adotantes e adotados. Os resultados do estudo salientam que filhos adotivos no período de adaptação enfrentam dificuldades na aceitação de regras, limites, problemas de relacionamento e alimentares, medos, hiperatividade e ansiedade. A autora sinaliza que as estratégias para o enfrentamento de tais dificuldades foram o diálogo, compreensão, tolerância e afeto. A autora pontua a necessidade de apoio e esclarecimentos de dúvidas, bem como a aceitação na convivência com os membros da família extensa, avós, tios, e primos, entre outros.

Estudos de Magán e Tarazona (2007), Abella, Benet, Blanxart, Prats e Rossell (2007) corroboram os estudos anteriores, a importância de redes de apoio social a famílias adotantes nas regiões de Valência e Catalunia, no sentido do assessoramento aos pais e filhos, frente a situações de tensão e conflitos, referentes a problemas de comportamento, tais como agressividade, aceitação de regras e limites no período inicial de convivência.

O período de convivência muda a rotina dos membros da família, bem como a dinâmica e estrutura da organização de novas regras na casa. Os resultados do estudo de Merçon-Vargas, Rosa e Dell'Aglio (2011) acerca de adoções nacionais e internacionais de grupos de irmãos tardios na faixa etária entre seis a treze anos, apontam que pais adotivos aprendem a ser pais a cada dia e a lidarem com as dificuldades inesperadas do

comportamento dos filhos. As autoras também pontuam que a presença do afeto no estabelecimento das relações proximais se constitui como principal elemento para superar mudanças.

Condizente com o estudo anterior Souza (2008) salienta a adoção de grupos de irmão em faixa etárias diferentes numa mesma família, favorece muito a adaptação na família substituta, bem como o papel fraterno de proteção. A autora destaca a importância do papel parental na percepção individual dos filhos e atenção diferenciada. Identifica também mudanças na rotina do casal, com uma nova dinâmica que não pode desvirtuar para segundo plano a conjugalidade em função da parentalidade.

A literatura vem indicando a necessidade de efetivar a preparação, orientação e acompanhamentos psicológicos aos pais e filhos adotivos durante e após o processo da adoção (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Dias, Silva & Fonseca, 2008; Gondim et al., 2008; Huber & Siqueira, 2010; Schettini, 2007; Reppold & Hutzl, 2003; Weber, 2011).

Na revisão de literatura para identificar parentalidade adotiva de gêmeos, encontrou-se somente um estudo de caso único, realizado por Brioschi, Bronzoni, Pereira e Cruz (2012). A motivação do casal corrobora alguns dados já levantados: infertilidade, preferência por bebês, bem como o desejo da mulher em vivenciar todas as fases do desenvolvimento infantil. As autoras destacam que na época da adoção os trâmites aconteceram por vias legais em virtude da não existência de processo de habilitação do adotante ou mesmo de instituições de acolhimento, o casal fez a busca dos filhos em hospitais e maternidades. Os resultados apontam a aceitação dos gêmeos por parte da família em virtude da presença de outros casos de adoção, bem como a efetivação de uma política que desmitifique preconceitos que envolvem adotantes e adotados. As autoras salientam também que alguns relacionamentos de amizade do casal foram rompidos em razão do preconceito com a adoção.

OBJETIVOS

Geral

Analisar a relação de um casal antes e após a adoção tardia de gêmeos que se encontravam em acolhimento institucional.

Específicos

- Descrever o perfil sócio-demográfico do casal adotante;
- Identificar os motivos do casal na decisão de adoção;
- Descrever e analisar a rotina do casal a partir de suas regras e o cuidado com os gêmeos;
- Caracterizar as mudanças no casal a partir da adoção tardia de gêmeos.

Método

Delineamento

Foi utilizada a metodologia de estudo de caso único, qualitativo e descritivo que visa compreender fenômenos sociais complexos dentro do seu contexto (Yin, 2005). Esse método baseia-se na utilização de múltiplas fontes de evidências que deverão ser usadas em conjunto, tais como documentos, entrevistas, registros e observações dos eventos.

Segundo Yin (2005) é fundamental que o pesquisador reflita sobre as habilidades para a realização de estudos de caso, como experiência prévia, fazer boas perguntas, capacidade de não se deixar levar por seus preconceitos e ideologias, flexibilidade para se adequar às situações adversas etc.

O estudo de família sob a perspectiva sistêmica requer metodologia capaz de captar a dinâmica das relações estabelecidas entre os diversos subsistemas que compõem o sistema familiar. Dessa forma, para se investigar o ambiente de pesquisa Ceconello e Koller (2003) destacam a inserção ecológica do pesquisador no contexto do estudo, com o objetivo de conhecer a realidade a ser investigada.

Participantes

O estudo foi desenvolvido com um casal adotante de gêmeos que viveram em acolhimento institucional desde os sete meses de vida. Os participantes foram selecionados por critério de conveniência e caso único de adoção tardia de gêmeos disponível. Para fins de manter o anonimato, os nomes usados são fictícios. As características dos adotantes e seu núcleo familiar podem ser verificados na tabela abaixo:

Tabela 1

Caracterização sócio-demográfica da amostra

Participantes	Idade	Escolaridade	Ocupação	Filhos por adoção	Filhos biológicos, Netos(as)
Sofia	50 anos	Superior completo	Funcionária Pública	Maria – cinco anos João - cinco anos	
Eduardo	63 anos	Ensino médio completo	Aposentado	Maria – cinco anos João - cinco anos	Filhos biológicos Carlos – 35 anos Camila – 33 anos Marcos – 19 anos <hr/> Netos (as) Karla – 18 anos Kelly – oito anos Samuel – cinco anos Paulo – 14 anos Pedro – oito anos

Ambiente

A pesquisa foi desenvolvida no município de Salinópolis, também conhecido como Salinas. Inserido na Microrregião do Salgado Paraense. Localiza-se cerca de 220 km da capital do Pará, Belém. Limita-se ao norte com o oceano Atlântico, ao sul e a leste com o município de São João de Pirabas e a oeste com Maracanã. Sua economia gira em torno do turismo e da pesca. É o balneário preferido dos belenenses, principalmente no mês de julho.

O estudo foi desenvolvido na residência do casal, esta é de alvenaria, possui duas suítes, sendo uma do casal e outra destinada aos hóspedes, um quarto dividido entre os gêmeos, banheiro, cozinha, sala de estar, varanda, garagem, área de serviço,

área de lazer, banheiro externo, depósito, jardim, área verde, duas piscinas, sendo uma infantil e adulto. Há circuito fechado de monitoramento para segurança do local.

A rotina da casa envolve o apoio de uma colaboradora na tarefa doméstica e também compete a mesma a função de cuidado com os gêmeos, na alimentação, organização do material escolar, levar à escola, entre outros. Na ausência do casal, ela é o principal apoio da família.

Instrumentos

Foi aplicado um **Roteiro de entrevista semi-estruturada** (Apêndice 01) com o casal individualmente. Esse instrumento foi confeccionado pela pesquisadora e é composto por 23 perguntas em torno das seguintes questões: a) relacionamento afetivo do casal (três itens), b) motivação do casal para adoção (três itens), c) trajetória do casal na adoção (sete itens), d) casal e as crianças (cinco itens) e, e) relacionamento do casal após adoção (cinco itens). As informações levantadas pelo instrumento permitem acessar: 1) Dados da rotina: atividades compartilhadas pelo casal, rotina com a família de origem e amigos antes da adoção; 2) Dados sobre a motivação do casal para adoção: de quem foi a ideia, como surgiu e sobre a decisão compartilhada; 3) Dados sobre a trajetória do casal na adoção: sobre o perfil da criança, a preparação para adoção, acompanhamento especializado, o compartilhamento da ideia com familiares e amigos, apoio recebido; 4) Dados sobre o casal e as crianças: organização do quarto, chegada das crianças, o sentimento em estar com os gêmeos, a primeira semana e a apresentação dos gêmeos na família e aos amigos; 5) Dados sobre o relacionamento do casal após adoção: a rotina da família, atividades compartilhadas com a família extensa e amigos, o cuidado com os gêmeos e a frequência de grupo de apoio a adoção.

Outro instrumento foi o **Diário de Campo (DC)** para o registro das observações, das visitas realizadas ao casal. Assim sendo, a descrição dos cônjuges e mais particularmente das atividades de rotina, cuidado com os gêmeos e outros acontecimentos.

Utilizou-se também o **Inventário de Rotina (IR)** (Anexo 01) elaborado por Silva (2006) e desenvolvido pelo Grupo de pesquisa do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Composto por uma planilha, na qual as linhas foram dispostas em intervalos em uma em uma hora, totalizando vinte quatro horas, correspondente a um dia e nas colunas: a atividade, locais, a companhia e observações referentes à frequência, tempo de duração e conteúdo das atividades. A categoria Atividade é subdividida em categorias menores geradas a priori, representando as atividades realizadas pelo casal tais como tarefa doméstica, cuidado físico, lazer, trabalho, atividades programadas, dentre outras. A aplicação desse inventário se dá considerando-se dois aspectos: os fatos ocorridos no dia imediatamente anterior ao dia da sua aplicação, e as atividades realizadas no domingo anterior ao da aplicação. Tal consideração é decorrente da necessidade de se conhecerem as atividades de rotina de um dia típico da semana (segunda a sexta) e aquelas referentes ao fim de semana.

Por último foi aplicado o **Roteiro de entrevista de genograma** (Anexo 02) composto por 36 itens, confeccionado por McGoldrick e Gerson (1987) e adaptado pela pesquisadora. O instrumento permite discutir a história do casal, construção de papéis, regras familiares, fronteiras, subsistemas, rede de apoio, eventos familiares, enfim, a configuração familiar do casal adotante, os gêmeos e a família de origem e extensa.

O instrumento de genograma possibilitou a elaboração da árvore da família e a visualização dos membros familiares (McGoldrick & Gerson, 1987). De acordo com os autores o instrumento é composto de três níveis de elaboração, a saber: 1) o traçado da

estrutura familiar; 2) o registro informativo da família e 3) a representação das relações familiares. A construção do genograma começa-se pela família nuclear, com os seguintes símbolos: (Anexo 03)

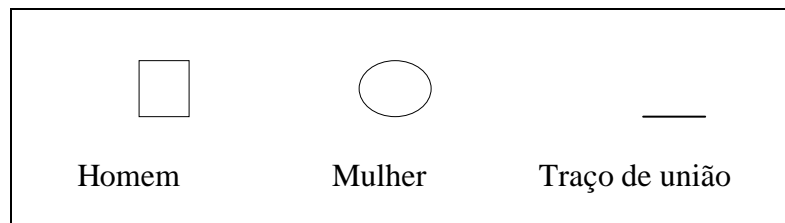


Figura 1. Símbolos do genograma

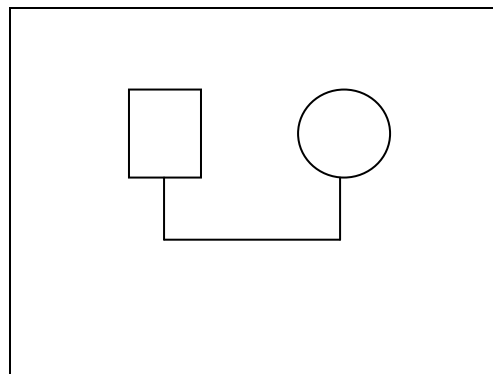


Figura 2. Modelo de genograma

E dentro das figuras coloca-se a idade de cada um e abaixo o nome, apelido ou a inicial do participante. No traço de união o número indicativo do tempo de convivência do casal e representação dos filhos, como se segue as figuras:

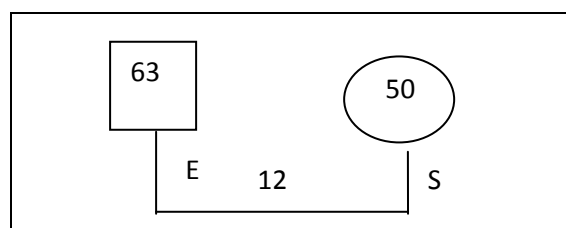


Figura 3. Representação da união do casal

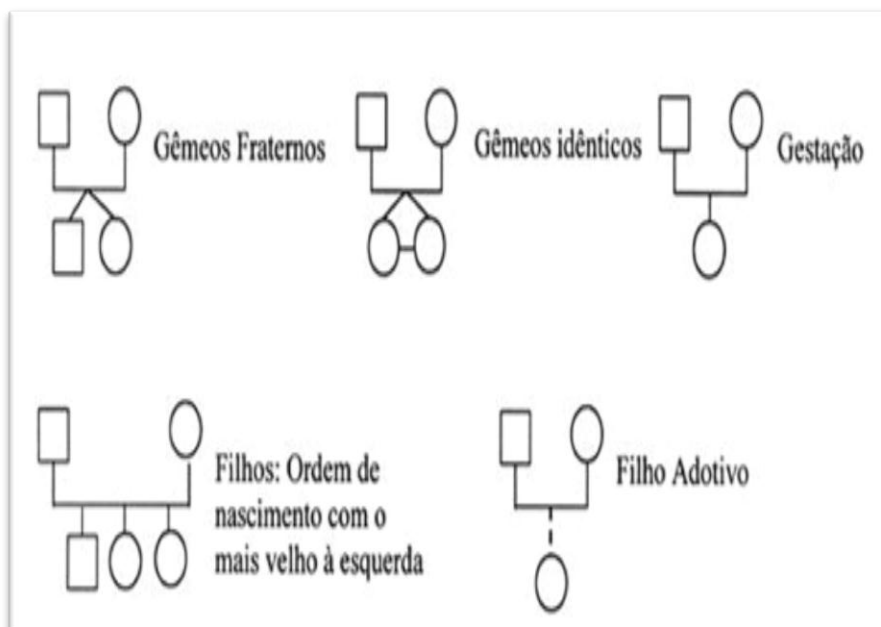


Figura 4. Representação dos filhos

Quanto ao instrumento de genograma familiar neste estudo, será utilizado para representar graficamente o casal antes da adoção e nele serão expostos também a visualização da família adotante com os gêmeos, bem como a representação gráfica em torno da história do casal e as mudanças ao longo do subsistema familiar.

Procedimento de Coleta

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA), foi aprovada com o parecer de nº 233/11 (Anexo 04).

A pesquisa desenvolveu-se em quatro etapas, a saber:

Contato Inicial

Foi realizado contato preliminar com o casal para apresentar a proposta de estudo e solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse

procedimento foi conforme previsto na Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que dispõe sobre as normas de pesquisas envolvendo seres humanos (Apêndice 02).

A família adotante foi convidada a participar durante uma visita realizada no Espaço de Acolhimento Provisório Infantil – EAPI, no período do processo de convivência com os gêmeos. Na ocasião, a pesquisadora apresentou a proposta da pesquisa e foi marcado um encontro na residência do casal em Belém¹, com a entrega do Termo de Consentimento e esclarecimentos sobre procedimento metodológico que seria utilizado caso concordassem em participar ou desistir a qualquer momento.

Período de Inserção

As visitas domiciliares a família foram realizadas de acordo com os preceitos da Inserção Ecológica (Cecconello & Koller, 2003). Durante três meses a família foi visitada. A Inserção Ecológica é uma metodologia de investigação na qual o pesquisador é inserido no contexto da pesquisa a fim de obter dados válidos ecologicamente (Bronfenbrenner, 1996).

Os dados da pesquisa foram coletados em uma visita em Belém e três visitas em Salinas, de acordo com a comodidade dos participantes. Neste período a pesquisadora na residência e era inserida na rotina da família. Conforme a tabela abaixo:

Tabela 2
Período da coleta de dados em Belém e Salinas

<i>Novembro 2011</i>	<i>Abril 2012</i>	<i>Junho 2012</i>	<i>Agosto 2012</i>
<i>10/11</i>	<i>24/04</i>	<i>06/06</i>	<i>17/08</i>
	<i>25/04</i>	<i>07/06</i>	<i>18/08</i>
		<i>08/06</i>	<i>19/08</i>

¹ O casal possui residência nos municípios de Belém e Salinas. Informa-se que a coleta de dados ocorreu somente na Microrregião do Salgado Paraense.

Aplicação do Roteiro de entrevista semi-estruturada, Inventário de Rotina (IR) e Roteiro de entrevista de genograma

As entrevistas e o inventário de rotina foram realizados individualmente de acordo com a disponibilidade dos cônjuges em locais e horários convenientes para estes, e foram gravadas e transcritas para organização e análise dos dados.

Com base nos dados coletados, foram utilizadas análises específicas. Os dados foram organizados em termos das categorias e subcategorias, com base em parâmetros dos principais elementos de análises a serem empregados. Considerando essa organização, se discutiu as propriedades qualitativas encontradas nas verbalizações dos participantes.

Pode-se, classificar as atividades de IR realizadas na família adotante em categorias e subcategorias, como: Tarefa Doméstica (TD); Cuidado Físico (CF); Lazer; Estudo; Atividades Programadas (AP) e Trabalho. O instrumento permitiu a descrição das principais atividades desenvolvidas pelo subsistema familiar. Tais atividades foram agrupadas nas seguintes categorias, de acordo com Silva (2006).

Tabela 3
Categorias de atividades desenvolvidas no subsistema parental.

<i>Categorias de atividades</i>	<i>Definição</i>
Tarefa Doméstica (TD)	<i>Atividades de rotina familiar realizadas na residência. São exemplos dessa atividade: “cozinhar”, “lavar louça”, “varrer casa”, “arrumar a casa”, “orientar a empregada”, etc.</i>
Cuidado Físico (CF)	<i>Atividades de rotina familiar relacionadas ao cuidado físico dos gêmeos e cônjuges. São exemplos dessa atividade: “dar comida”, “alimentar”, “dar banho”, “colocar para dormir”, dar remédio, levar/trazer da escola, verificar pressão do cônjuge, etc.</i>
Lazer	<i>Atividades de rotina familiar praticadas no período de tempo livre e que envolvem algum divertimento, entretenimento ou distração. São exemplos dessa atividade: “conversar”, “assistir televisão”, “praia”, “clubes”, “leituras”, “visitar parentes”, fazer caminhada/academia, etc.</i>
Estudo	<i>Atividades de rotina familiar relacionada às tarefas escolares dos gêmeos na residência</i>
Atividades Programadas (AP)	<i>Atividades de rotina familiar relacionada às consultas médicas, ir à Belém, etc.</i>
Trabalho	<i>Atividades de rotina familiar relacionada a jornada de trabalho. São exemplos dessa categoria: “levar/trazer a esposa”</i>

Análise dos dados

Os dados das entrevistas semi-estruturada foram transcritas na íntegra para o Programa do Microsoft Office, de forma semelhante ocorreu com a entrevista de genograma. Em seguida, os dados foram agrupados em temas e subtemas em função de formar categorias qualitativas a partir do contato com os dados.

O DC foi transcrito e organizado conforme temáticas comuns, ilustrando aspectos do sistema familiar, bem como subsidiou as análises dos demais instrumentos utilizados na pesquisa. Após a categorização dos dados, procedeu-se uma análise de caso único, qualitativa, descritiva conforme (Yin, 2005) e com base na Teoria Estrutural

Sistêmica (Minuchin, 1982). Os resultados serão apresentados em dois eixos: a) O casal: características e funcionamento antes da adoção. Contém as subcategorias: história do casal, em como se identificavam enquanto díade, como lidavam com as mudanças; motivação à adoção e trajetória do casal à adoção; b) A família adotante: rotina do casal e cuidados com os gêmeos. Inclui as seguintes subcategorias: mudanças do casal após a adoção dos gêmeos, rotina e cuidado com as crianças, identificadas em seis categorias no IR deSilva (2006), Tarefas domésticas (TD), Cuidado físico (CF), Lazer, Estudo, Atividades Programadas e Trabalho. As informações oriundas do IR permitiu analisar e descrever a partir do genograma as principais atividades desenvolvidas no subsistema parental, o turno, a companhia e o local.

Resultados e Discussão

Os dados foram analisados seguindo as etapas de análises descritas acima, sendo estas organizadas em dois eixos:

EIXO I –O casal: características e funcionamento

História de Eduardo e Sofia

Eduardo (63 anos) vem de uma família extensa, é caçula entre os 10 irmãos, já teve outros relacionamentos e destes nasceram três filhos Carlos (35 anos), Camila (33 anos) e Marcos (19 anos). Possui cinco netos: Karla (18 anos), Kelly (oito anos), Paulo (14 anos), Pedro (oito anos) e Samuel (cinco anos). Ele é aposentado, possui ensino médio completo é católico e casado com Sofia, há 12 anos.

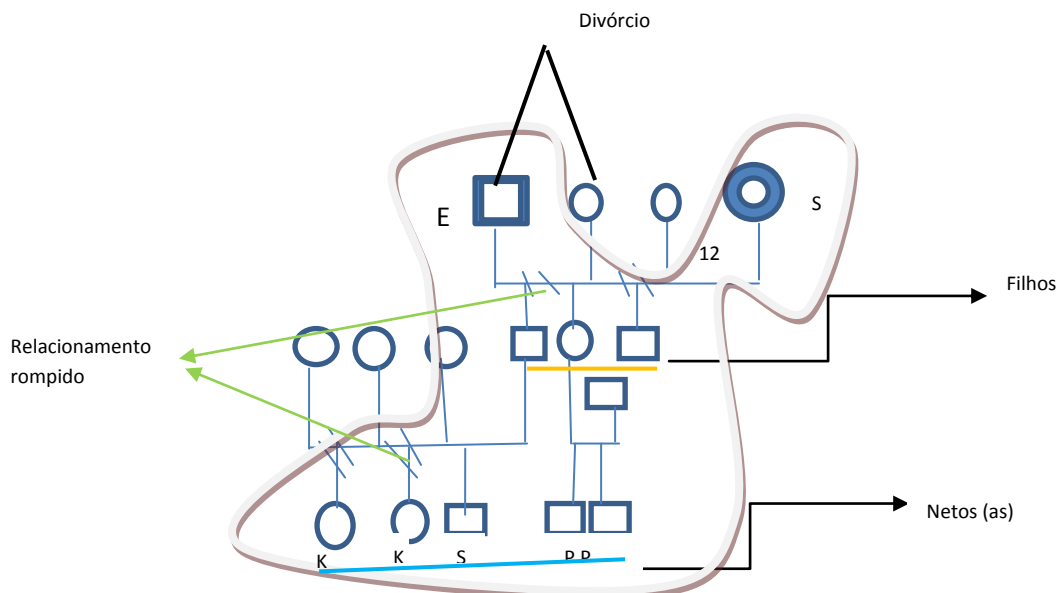


Figura 5. Genograma familiar de Eduardo

Ao analisar a leitura gráfica do genograma estrutural, encontram-se **E** (63 anos) e **S** (50 anos), identificado na 1ª linha vertical do genograma, os filhos biológicos de **E** na 2ª linha vertical e os netos correspondem a 3ª linha vertical. Pode-se descrever que **E**

e, Carlos, o filho mais velho tiveram dois relacionamentos interrompidos onde após a separação, os filhos residem com a mãe.

Sofia (50 anos) é caçula, entre sete irmãos, a partir da entrevista semi-estruturada revela “*a sua família não é unida, cada irmão leva a sua vida*”, tem aproximação com a mãe (89 anos) a quem dedica total atenção e cuidado. Suas irmãs mais próximas moram em cidades diferentes, ajuda os sobrinhos e um irmão. Possui nível superior, é funcionária pública e não possui filhos biológicos. O relato ilustra fronteiras *rígidas* que impedem a comunicação e as funções protetoras da família (Minuchin, 1982).

O casal iniciou a relação em 2002, mas com aprovação de Sofia em outro concurso público gerou mudanças em suas rotinas, ela diz em entrevista semi-estruturada:

“a gente sempre muito ligado, compartilhava tudo e ele ia e vinha era aquele sufoco, havia uma preocupação de um com o outro... éramos só nós, e os filhos dele adultos moram distantes e também cada qual na sua casa”.

A respeito do discurso, nota-se que o casal tinha uma relação sem brigas e discussões e demonstra existir entre eles nível de diálogo acerca dos aspectos da vida conjugal. Percebe-se que as fronteiras estão anuviadas e conseqüentemente há uma menor distância entre a díade (Minuchin, 1982).

Em dezembro de 2005, Eduardo teve uma parada cardíaca e por conta do problema de saúde precisou aposentar-se e a partir dessa situação o casal começou a residir na mesma casa, Sofia relata “*ele passou a me acompanhar e havia uma preocupação muito grande minha com ele e ele comigo*“. Com relação à rotina pontua “*a gente sempre viajou muito, não tinha hora para acordar a não ser por conta do*

trabalho, inventava vamos sair, combinar com os amigos ou um casal pra jantar, a gente sempre gostou de ir a praia e a gente sempre gostou da companhia de crianças”.

Por sua vez, Eduardo menciona terem realizado várias viagens de trabalho, viagens nacionais, internacionais e as programadas à Belém como consulta médica, visitas a mãe de Sofia, a filha e aos outros filhos que vivem em outro estado. Ele relata *“saímos nós dois, nós dois sempre (...) onde está um, está o outro e sempre foi assim e sempre será assim”*. Sobre o aspecto funcional de uma vida a dois o genograma a seguir permite identificar elementos relevantes da conjugalidade.

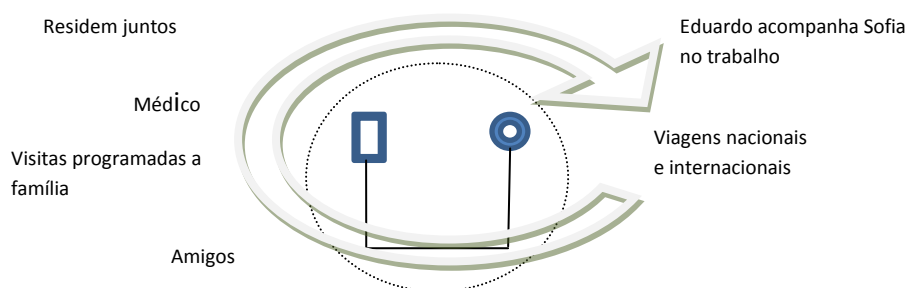


Figura 6. Genograma representativo do casal antes da adoção

Entretanto, verificou-se na individualidade de Sofia o desejo de formar uma família, enfatiza ter uma boa vida conjugal ao lado de Eduardo e salienta sua motivação *“eu acho que o relógio biológico que bateu tarde demais (...)”*.

Motivação à adoção

Com relação à motivação a adoção Sofia relata em entrevista que aproximadamente em 1994 perdera as trompas, ovário, e, diante do quadro não ficou traumatizada, pois não tinha planos da maternidade. Contudo, no que tange a adoção, verbaliza:

“Comecei a sentir a necessidade de ter alguém (...) a gente tinha uma vida tão boa, tão cômoda pra gente, uma vida muito, muito tranquila, de acordar a hora que quiser, férias, feriado, sábado, domingo, ir pra onde quer, de planejar, programar e de repente se vestir (...) mas comecei a ver famílias, a relação mãe com filhos e eu acho que senti uma invejinha, que apesar de ter criado os meus sobrinhos, ter ajudado a criar, a mãe sempre era mãe, aquela coisa, mãe é mãe e eu era a mãe postiça sempre”. Sofia amadureceu a ideia e até que decidiu contar ao esposo. “No início ele dizia não e não (...) eu comecei a convencê-lo (...) vamos ter a nossa família (...) e até que ele aceitou”.

O marido, por sua vez, aceita a decisão da esposa:

“A ideia foi dela e eu não discordei, eu não discordei de forma alguma. É como eu sempre falo pra ela o seguinte a nossa diferença de idade são 13 anos e eu não sei até quando eu vou ficar aqui correto?... eu tenho meus filhos e netos. Mais a gente não sabe e um dia que eu for embora ela tem com quem fique já fica amparada. Agora você pode ter a certeza de uma coisa, essa adoção vem de um amor não é. Que não adianta eu querer fazer alguma coisa é só pra agradar A,B, C e D que não tenha amor, eu acho que o amor, ele supera qualquer coisa”.

Ao analisar as verbalizações referentes aos motivos que impulsionaram o casal, encontra-se o altruísmo ligado ao papel da esposa e hedonismo ao esposo. Essas formas motivacionais são relatadas em trabalhos como os de Weber (2011), Reppold e Hutz (2003) e Ebrahim (2001). Tais estudos apontam para casos de motivações altruístas pelo desejo de tornar-se pai e mãe, e hedonistas ao valorizarem adoção como um ato de amor, caridade, um gesto grandioso de adotar um filho gerado por outros. Salienta-se que motivações diferentes envolvidas na adoção pode ser fator complicador no processo de vivência da adoção. Como explica Vargas (1998) pode influenciar conflitos e sentimentos de empatia com a criança ou ainda a ocorrência de uma devolução. Weber (2009) informa que mesmo as motivações inadequadas não impedem ao sucesso da

adoção, no decorrer do tempo de convivência com a criança as motivações podem modificar-se bem como os vínculos afetivos consolidados.

Após decisão compartilhada, o casal inicia uma nova etapa, a construção da parentalidade adotiva, marcada pela busca do caminho legal à adoção, a procura pela criança idealizada bem como contar a família e pessoas próximas que iriam ser pais adotivos. Pondera-se que a primeira ação foi fazer o registro no Cadastro Nacional de Adoção e seguido da participação no curso de pretendentes. Salienta-se a preferência por menina (Ebrahim, 2001; Vargas, 1998; Weber, 2011), o imaginário popular em que as meninas são caseiras e mais próximas dos pais. Sofia em entrevista semi-estruturada verbaliza:

“Sempre convivi com meninos. Eu queria uma menina e também porque algumas amigas tinham meninas dizem que menina é mais amiga aquela coisa e eu disse: é menina e também pela minha família eu também vejo quando a mamãe quando adoecer são as irmãs que estão lá que dormem, que se preocupam, levam ao médico, pensava em menina pra ter uma filha, amiga e aí eu disse menino só se forem irmãos”.

No tocante à faixa etária ela enfatiza não adotar um recém-nascido ou uma criança com problemas, por não saber se seria capaz de cuidar de um bebezinho e em razão da distância que o casal morava, longe da capital, Belém. Logo, a preferência de uma criança até três anos. De acordo com as verbalizações de Sofia *“eu quando me via com a criança, meu filho, me via brincando na praça, saindo pra praia, shopping”*,

“quando a gente pensa em adoção pelo menos eu, penso nas coisas boas, a gente idealiza na verdade, (...) não imaginei que fosse ter tanta dificuldade com adoção tardia (...) Eu tinha uma imagem ingênua. A imagem que eu tinha de abrigo era mais aquela de novela, crianças purinhas (...) e vieram uns meninos com muita personalidade, com muita atitude e foi bem difícil a adaptação.”

O desejo de adoção precoce passa por outra lógica. Candidatos desejam passar pela experiência de cuidar de um bebê e acreditarem que uma criança crescida tem uma formação de hábitos, educação, costumes e história de vida. Na narrativa de Sofia, pode-se ver a importância de se conhecer possíveis reações que crianças maiores venham a ter no período de adaptação com os pais (Gondim et al. 2008; Weber, 2010).

O casal ficou dois anos no cadastro e iriam solicitar o pedido de desistência, e de repente a Assistente Social do Tribunal liga e diz que há um menino na faixa etária de sete anos e se não gostariam de conhecê-lo. Entretanto, verificou-se que a criança não estava no perfil do casal e decidem ficar no cadastro de adoção. Sofia ressalta *“adoção não é pena é surgir esse amor que a gente tem pelos meninos”*.

Eduardo e Sofia não discutiram a adoção com os demais familiares ou pessoas próximas, relatam que a decisão foi individualmente entre os dois sem a interferência de membros da família de ambos. Sofia pontua o comportamento de rejeição de pessoas próximas a ideia de ser mãe adotiva “tu tá doida” ou “ah! É uma boa, legal “. Conforme relatos de Eduardo na entrevista semi-estruturada contou aos filhos, familiares e pessoas próximas que iria adotar e recebeu os seguintes comentários: *“Olha isso é uma coisa impressionante, você é uma pessoa de bom coração que faz esse gesto de amor”*, tais respostas indicam que adotar é ajudar uma criança, entretanto, Mariano e Rossetti-Ferreira (2008), Schettini (2007) e Schettini Filho (1998) divergem dessa percepção em relação ao exercer a parentalidade adotiva enquanto ato de caridade, mas, o direito do adotante em se viver em família. Outro motivo enfatizado pelo casal foi verificado no estudo de Vanalli e Santana (2008/2009) há casos de adoção bem sucedidos na família de ambos, tais resultados ratificam elementos narrativos que retomam pontos de uma motivação por caridade e o desejo da parentalidade construída na experiência da conjugalidade.

A partir das informações prestadas pelo casal a respeito da construção da parentalidade adotiva segue o momento da trajetória da adoção, a preparação do quarto da criança em Belém e Salinas, aliados à emoção da chegada das crianças em casa.

A trajetória do casal à adoção

Eduardo e Sofia mandam pintar o quarto em Belém e Salinas. Ela é a responsável pela decoração e dos preparativos. Após dois anos no cadastro são chamados e conhecem os gêmeos, eles dizem que foi amor à primeira vista. Salienta-se que o casal, aliados à emoção da chegada dos filhos em casa precisam se adequar ao novo papel parental e responder a uma demanda que é própria da faixa etária de qualquer criança.(Fontenot, 2007; Costa & Rossetti-Ferreira, 2006; Carter & McGoldrick, 1995).

EIXO II – A família adotante: rotina do casal e cuidado com os gêmeos

Mudanças do casal após a adoção dos gêmeos

De acordo com as verbalizações de Sofia mudanças ocorreram após a adoção dos gêmeos

“Quando os gêmeos chegaram, o casal passou por uma revolução, tudo mudou na nossa vida (...) gente dentro de casa, (...) ter mais pudor com roupa não andar de qualquer maneira enquanto casal que éramos e ficávamos mais a vontade em casa e muitas outras coisas, (...) eu tenho que ficar com eles mais de manhazinha, no dia-a-dia e quando eles retornam da aula”.

Em relação à adaptação do casal e as crianças e vice-versa, houve ocorrência de mudanças significativas no ambiente familiar, constata-se a presença rede de apoio,

colaboradores, no auxílio aos cuidados com as crianças. Pode-se constatar que a relação do casal antes da adoção era bastante próxima afetivamente. No início da transição para parentalidade Sofia menciona em entrevista “*eu acho que deixei o Eduardo de lado, eu sei disso, muito mesmo, muito (...) não porque eu quis, eu fiquei muito cansada, eles estavam sempre na prioridade*”. Quando as crianças foram incluídas na família, identificou-se a partir das entrevistas que houve uma desestruturação nas fronteiras conjugais, mudanças de papéis a partir da chegada dos gêmeos, o distanciamento da díade e uma triangulação. Sofia enfrenta também uma sobrecarga e precisase dividir entre os cuidados com as crianças e atenção ao esposo, nota-se dedicação integral aos cuidados maternos.

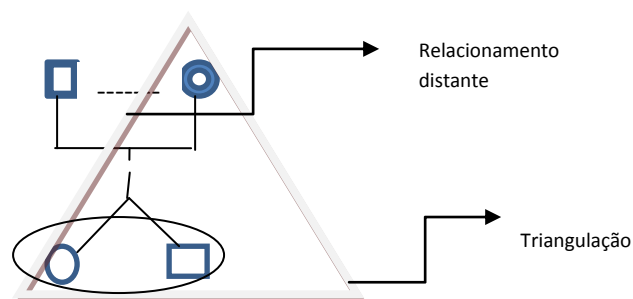


Figura 7. Genograma representativo da relação familiar em situação triangular

No estudo de Carter e McGoldrick (1995) os autores salientam que a formação de um a relação triangular baseia-se em relações recíprocas, particularidades da família em sua estrutura e dinâmica, bem como a formação de subsistemas como o parental e fraternal. Desse modo, o genograma representativo aponta a tríade mãe e filhos e revela o relacionamento distante da função paterna e conjugal.

Os estudos realizados sobre transição para parentalidade indicam que vários sentimentos acompanham os pais durante este período de mudanças, Eduardo relata “*que as crianças choravam demais e também como não sabiam o que eram regras e*

limites se jogavam no chão, tiravam a roupa em qualquer lugar”. Na percepção dele *“todos os dois eram complicados (...)”*. Ele pontua que na vida do ser humano desde *“quando se nasce tem que ter alguém pra dar regras e limites”*. Salienta-se que o período de adaptação envolve mudanças dos adotantes e adotados, assim como esforços dos pais em promoverem estratégias de interação (Schettini, 2007, e Dias, Silva & Fonseca, 2008).

O casal enfrenta diversos conflitos gerados pela adoção, que vão desde aceitação das pessoas, ocorrência de problemas de comportamento das crianças bem como a percepção que o casal tem de suas competências parentais para lidar com as dificuldades apresentadas no período de adaptação. Sofia menciona que a comunicação com o esposo estava conflituosa e a presença de rejeição aos filhos.

“Não ouviam de jeito nenhum e não me obedeciam de forma alguma, era só ela e ele (...) a impressão que a gente tinha era que eles eram surdos porque eles não ouviam a gente de jeito nenhum, eu levei no otorrino pra ver se tinha alguma coisa, (...) eles não ouviam, não faça e eles faziam entendeu foi assim a gente não teve ajuda, a gente foi agindo por intuição (...)

As consequências da transição para parentalidade sobre a conjugalidade produzem uma variedade de ajustes e adaptações, uma reorganização do sistema familiar, tais resultados são revelados nos estudos de (Merçon- Vargas, Rosa & Dell’Aglia, 2011; Schettini, 2007; Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick & Gerson, 1987, Minuchin, 1982) os autores salientam na estrutura familiar os sentimentos associados aos pais, em decorrência da nova dinâmica e possíveis dificuldades no desempenho da função parental.

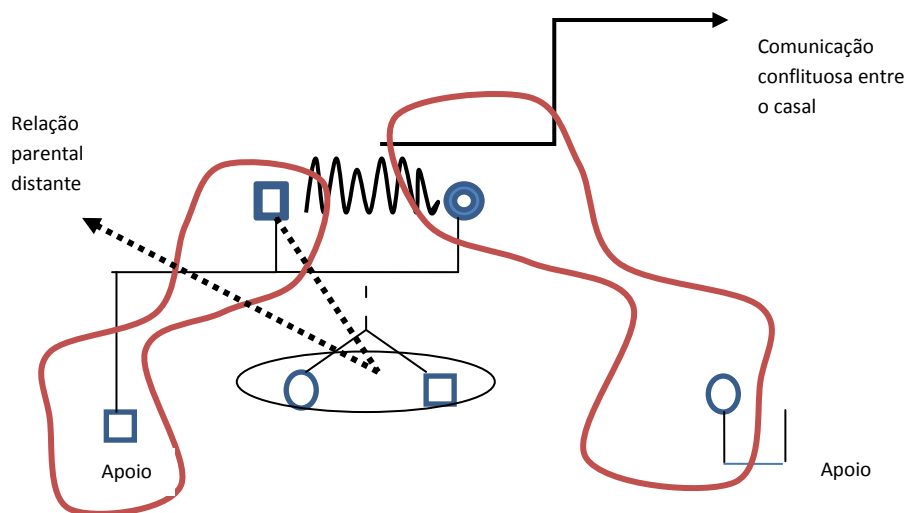


Figura 8. Genograma representativo da relação familiar em conflito

Constata-se, na análise do genograma apresentado na Fig. 8 a configuração da família existente no período de adaptação. O esposo recebe o apoio do filho mais velho em decorrência de conflitos e eventos estressores em função do comportamento emitido pelos gêmeos, em seu papel parental, por mostrar-se distante e com pouca aproximação com as crianças. As experiências de transição para a parentalidade são individuais a cada cônjuge e por serem muitas as mudanças ocorridas nesse período, os pais se sentem muitas vezes paralisados por não saberem como reagir diante de situações aversivas de comportamentos concorrentes emitidos pelas crianças e bem como a necessidade de um apoio. Sofia em entrevista relata *“nunca brigamos e passamos a brigar depois que as crianças vieram”*,

“foi muito bom quando Dorita² veio melhorou tudo (...) foi muito sofrimento, nós tivemos crises no casamento, pensamos em no separar (...), o Eduardo passou muito tempo comigo indo pro trabalho, o semestre inteiro (...) porque não aguentava quando chegava aqui era um inferno (...) tivemos crises, pensamos em nos separar, ele não queria, ele não queria, mais de jeito nenhum porque assim (...) quando viu que era um pepino, ele não queira e achava que agente poderia devolver”.

² Dorita: colaboradora nas tarefas domésticas e cuidados com os gêmeos.

Os resultados do estudo de Costa e Rossetti-Ferreira (2007) vem corroborar a pesquisa ao enfatizarem possíveis dificuldades de adaptação de pais adotivos com crianças maiores, e a necessidade de estratégias de vinculações e demonstração de afeto.

Pode-se identificar que no decorrer do período de adaptação à medida que o pai começa a interagir com os gêmeos as relações tornam-se mais intensas, ele afirma: “*nós é que temos que ter capacidade de chegar até eles e não deixar que eles venham até nós, é difícil, mas não é impossível a gente vai conseguir se Deus quiser*“. Sofia deixa de ser identificada como figura única na vida dos gêmeos e a figura do pai começa a estar presente nas discussões de cuidado com as crianças.

Outro ponto relevante na pesquisa é sobre o comportamento das crianças, Sofia diz que são duas crianças com personalidades diferentes, Maria é madura para sua idade se comparada a João. Antes ele obedecia somente às ordens da irmã e hoje sabe que os seus responsáveis são os pais. Constata-se em notas de DC e entrevista que ela busca por informações, pesquisa na internet, bem como leituras especializadas sobre adoção, conversa com pais adotivos e a partir dos relatos pondera que as respostas encontradas foram úteis, na diminuição de sentimentos de angústia e ficava mais tranquila e segura, como também relata que as discussões, conflitos e crises por parte do esposo melhorava à medida que as crianças se adaptavam à nova situação e verbaliza:

“Hoje eu chego aqui (...) eu respiro, e meu Deus, graças, está tudo bem sabe e tanto eles se adaptaram, a gente se adaptou, o Eduardo hoje graças a Deus adora eles, tem uma paciência de jó, ele não tinha, ele nem gostava de ouvir o riso, a voz (...) foi difícil, fiquei acabada, não dormia, esquecia de passar o protetor, esquecia dos meus cremes à noite, sabe o cabelo (...) ajeito de qualquer maneira, Eduardo até me disse: olha você envelheceu dez anos porque realmente teve uma época bem complicada, hoje eu consigo ter o meu espaço, agora eu já me tranco pra tomar banho antes eu não tinha, eles batiam na porta, não respeitavam, empurravam a porta, chutavam sabe assim uma falta de respeito total e a gente falava, hoje não é

diferente, mamãe sou eu, Maria, sua filha, hoje é diferente já foi todo um ensinamento, uma educação”.

Diante das discussões acerca das mudanças do casal após a adoção tardia, a Fig. 9 representa o sistema integrado com inúmeras mudanças tanto na vida do casal e filhos, bem como o desempenho de papéis e funções diferenciadas na dinâmica familiar, conforme relatos de Sofia:

“na verdade os cuidados (...) sou eu que faço, hoje como o Eduardo está ficando, ele também tá ajudando, orientando, ajudando a educar, orientar, e, ele sempre me conta, ah! Os meninos vem e me perguntam isso e eu ensino e (...) ele fala, dar conselhos (...)

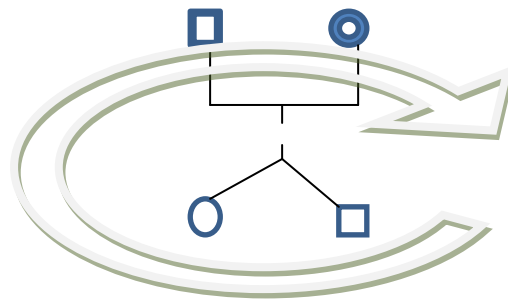


Figura 9. Genograma representativo do sistema familiar integrado

Um dado interessante, em notas de DC, Eduardo argumenta que Sofia é super protetora, paciente, excelente mãe e nunca imaginou que ela poderia ter tanta paciência e em entrevista relata: *“Vocês tem a melhor mãe do mundo, eu passei a trabalhar isso e hoje, eles dizem assim: eu sou feliz pra sempre, eu tenho a melhor mãe do mundo. Eles dizem isso, mas fui eu que sempre mandei eles falarem”.*

Os dados também revelam que Sofia investe em sua formação, carreira profissional, dedica tempo ao cuidado indispensável a si própria e ao seu casamento, e discursa: *adoção é um amor tão grande*.

É necessário, trazer a discussão referente à questão dos preconceitos e discriminações presentes na sociedade quanto à adoção, como também o contexto social de valorização dos laços sanguíneos como formadores de uma família, Sofia relata os olhares, o comportamento de pessoas em relação à presença das crianças, assim, menciona ter sofrido preconceitos,

“a falta de educação das pessoas de não respeitarem, de não conseguirem se conter e perguntar na frente das crianças, se são de criação, são filhos da empregada e acho que uma coisa que você percebe, não é por ser pessoa de baixa renda, sem educação, pessoas até instruídas mesmo tiveram essa falta de educação de perguntar sabe e outra coisa Márcia, além da falta de educação é o preconceito de chegar tentando colocar, coisas na nossa cabeça, chegar junto ah! Eu acho lindo o que você fez mas eu não faria de jeito nenhum, não se os nossos filhos a gente não sabe como vai ser, imagina os filhos dos outros, acredita a pessoa chegar e ter essa coragem de chegar e falar, menina que loucura é essa que tu fizeste, entendeu? Sem noção sabe é porque eu nunca tive filhos pra comparar mas as pessoas que tem filhos dizem isso que o amor é até muito maior, uma coisa que envolve, não sabe de onde vem, de Deus sei lá, mas é um amor imenso e não tem essa distinção”.

Na literatura estudada os resultados de Schettini (2007) corroboram os dados encontrados na pesquisa. A autora chama a atenção para o impacto que a adoção tardia provoca diretamente na sociedade ao expor as diferenças. Brioschi, Bronzoni, Pereira e Cruz (2012) também corroboram o estudo de adoção de bebês gêmeos, ao destacar o preconceito que os pais enfrentam após a adoção. E na sequencias dessas informações, Eduardo ressalta *“eu nunca recebi carinho dos meus filhos biológicos como eu recebo dessas duas crianças, é papai e mamãe eu te amo toda hora”*.

Rotina do casal e cuidado com as crianças

Com o objetivo de caracterizar o IR da família em função das rotinas e cuidados foram elaborados dois genograma que correspondem: um dia típico da semana e o final de semana.

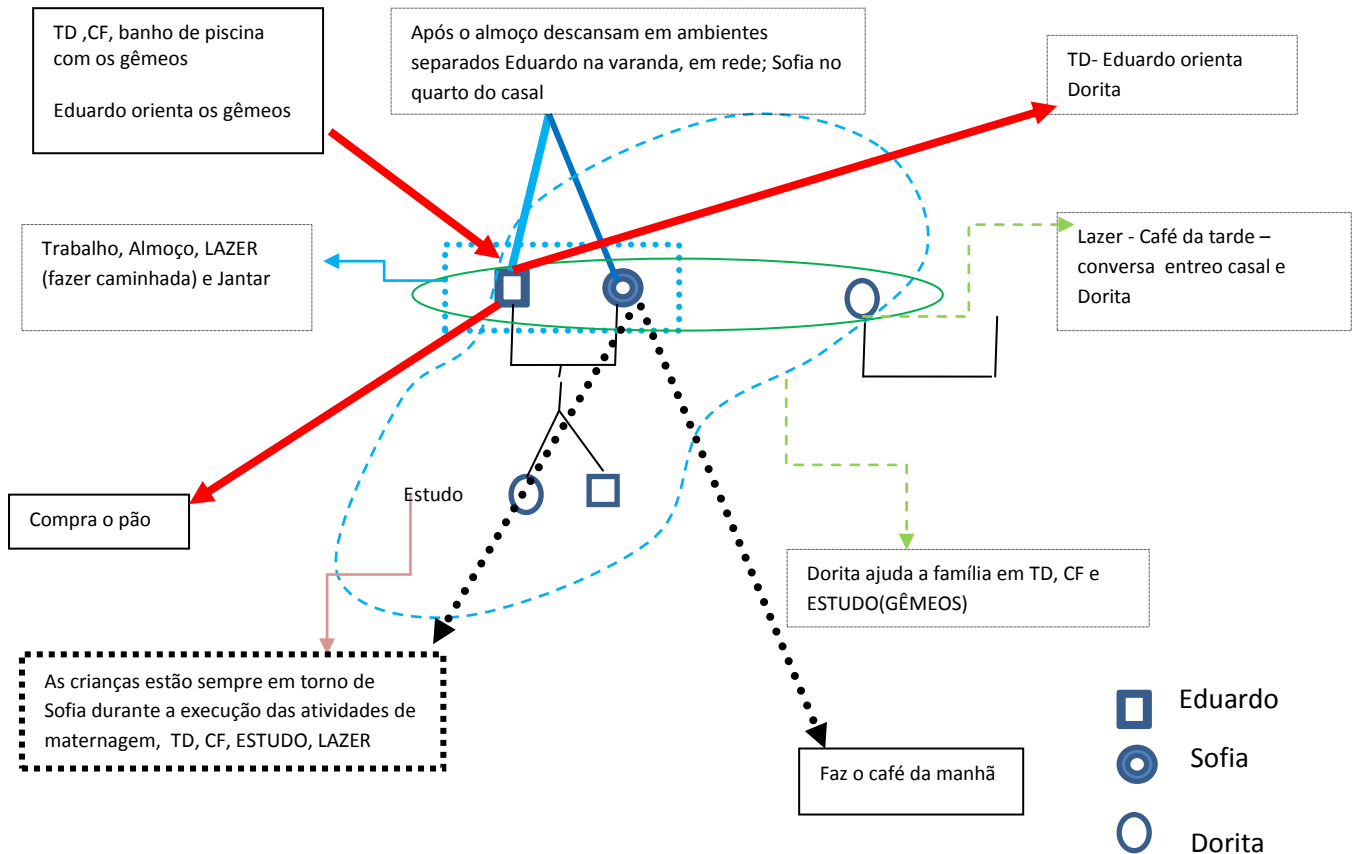


Figura 10. Genograma familiar um dia típico da semana.

O dia da família inicia com Sofia acordando e fazendo suas tarefas de asseio e na sequencia prepara o café da manhã e o mingau da filha. Maria e Eduardo levantam-se em seguida, este compra o pão sozinho ou em companhia da filha. Posteriormente, os três compartilham o café, conversam, cantam e interagem até o momento em que Sofia se arruma e posteriormente parte para sua atividade de trabalho sozinha. O filho levanta-se um pouco mais tarde, e recebe o carinho da mãe e fica sob os cuidados de Dorita, a quem no decorrer de toda manhã é o CF, com os gêmeos como: alimentar, dar banho,

organizar o material escolar, levar para a escola bem como TD realizada na residência da família.

Salienta-se que as atividades de TD, CF de Eduardo são orientar a empregada, brincar com os gêmeos na piscina, orientá-los, cuidar das plantas e às vezes prepara o almoço ou o jantar. Em notas DC Eduardo tem o cuidado de não deixar as crianças participarem de conversas de adultos. Pontua-se que as atividades empreendidas por ele estão sinalizadas no genograma juntamente com as empreendidas por Sofia e o apoio de Dorita.

Ressalta-se que o casal só volta a se encontrar no período da tarde, após o retorno da esposa. Posteriormente, almoçam juntos, conversam e em seguida descansam em ambientes separados bem como a rotina dos demais dias. Informa-se que na semana há um dia atípico em que ele acompanha a esposa no trabalho e ambos retornam juntos.

As atividades de Sofia são desenvolvidas TD, CF, Estudo, Lazer, conforme verbaliza:

“sou eu que faço o mingau da manhã quando Maria acorda cedo, o João que acorda mais tarde a Dorita faz, e o jantar às vezes a Dorita dá ou diz já dei uma merenda pra eles e eu dou um pouco mais tarde (...) o quarto toda noite sempre limpo mesmo quando a Dorita deixa tudo limpinho, quando eles vão pra lá, às vezes eles sempre levam alguma coisa, pão escondido, tenho medo de dar formiga, aranha, qualquer coisa, sempre eu tiro os colchões, sempre varro o quarto e a sala, sempre à noite, quando eles vão dormir é pipoca pelo chão (...)”.

Conforme as observações registradas em DC, à noite Sofia verifica tarefas escolares ensina individualmente os filhos e quando não é possível Dorita os auxilia no decorrer do dia. Também realiza as tarefas de CF com os gêmeos como: dar banho, dar remédios, escovar os dentes e fazê-los dormir, posteriormente entra um pouco na internet, assiste TV e depois vai dormir.

Além das atividades parentais o casal realiza caminhada, conversam, assistem televisão, pegam as crianças na escola e bem como os levam pra brincar na praça. É nítida a divisão das tarefas empreendidas pelo casal e demonstracerta rigidez nas fronteiras, ou seja, as tarefas estabelecidas entre eles determinam momentos de aproximação ou de afastamento, dados corroborados por Silva (2006). A respeito da rotina do final de semana da família Sofia verbaliza:

“Às vezes a gente vai à praia, às vezes fica aqui em casa, a gente manda limpar a piscina e fica aqui mesmo, aliás eu gosto muito de ficar aqui, e tem vários hotéis que a gente caba usando como clube e cada domingo a gente vai pra um”.

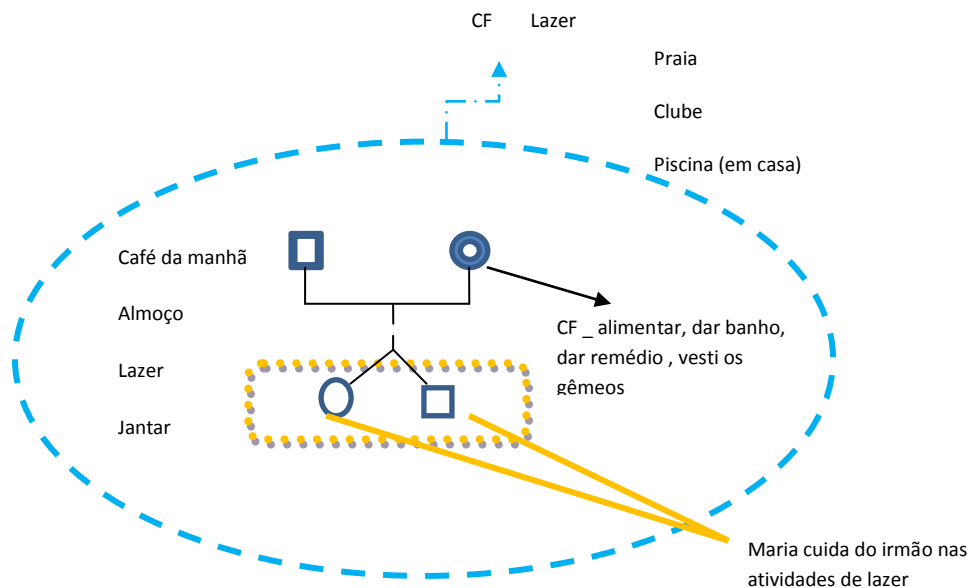


Figura 11. Genograma familiar final de semana.

Nos finais de semana o casal é acordado por Maria e posteriormente se levantam e dividem as TD, CF, os três tomam o café juntos, João acorda mais tarde. O genograma revela a repetição das atividades de rotina de outros dias. Salienta-se que Sofia faz a higiene das crianças e na sequência se arruma para o lazer de domingo. Conforme

verbalizações de Eduardo “*a nossa festa é nós quatro*”, e mencionasó entre os quatro com exceção de encontrarem algum conhecido.

Observa-se o auxílio de Maria no cuidado com o irmão nos momentos de lazer e a partir das falas do casal pode-se observar e compreender o modo de funcionamento, a divisão de papéis e função atribuídos a díade no exercício da parentalidade bem como a responsabilidade da esposa pelos cuidados com os gêmeos após o retorno do trabalho (Bossardi & Vieira, 2010; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Andrade, Costa & Rossetti-Ferreira, 2006, Silva, 2006).

Considerações Finais

O desejo pela parentalidade acontece em um momento específico da vida e são vários os motivos para que essa decisão seja constantemente adiada. Salienta-se que o processo de adoção em muito se assemelha a uma gravidez, com algumas especificidades. Quando nasce um bebê, a família toda precisa de um tempo de adaptação à nova situação, no caso da filiação adotiva, o exercício da parentalidade não há uma precisão de tempo para chegada da criança. É tudo imprevisível, não existe um fenômeno natural acontecendo, mas o filho idealizado existe no imaginário dos adotantes.

A partir do estudo realizado, acredita-se que é pertinente que haja um apoio especializado em relação aos candidatos a espera do filho antes e após o processo de adoção. A relação parental adotiva é construída no dia-a-dia o que reflete encontros e desencontros de uma imagem anteriormente idealizada bem como de possíveis dificuldades em saber lidar com a situação. De acordo com a concepção de *Sofia* o período de Licença maternidade estabelecido em Lei para as mães que adotam crianças acima de um ano de idade é injusto, visto que de acordo com a compreensão da mesma a criança traz consigo uma “história de vida”, todo um processo que necessita de um período maior para ser conhecido pela mãe adotante, diferente da mãe que adota um bebê recém-nascido, diante disso, menciona:

“Márcia eu vou te falar (...) eu to muito feliz, muito realizada, muito realizada e principalmente assim é ADOÇÃO TARDIA, ela é muito difícil é um crime o tribunal dá um mês e quinze dias de Licença por achar que por a criança ter mais de um ano vai dar menos trabalho que um recém-nascido, é um ledô engano porque um bebezinho você colocando nas mãos de uma pessoa de confiança a pessoa vai cuidar direitinho, mas uma criança que já vem com uma certa idade, com toda uma bagagem, com todo um processo que você (...) que é a mãe que tem que conhecer e não os outros?”

A respeito dessa fala o Regime Jurídico Único dos Servidores do Estado do Pará: Art. 90 –pondera que a servidora ao adotar ou obtiver a guarda judicial de criança até um ano de idade, serão concedidos 90 (noventa) dias de licença remunerada. Parágrafo Único. No caso de adoção ou guarda judicial de criança com mais de um ano de idade, o prazo de que trata este artigo será de 30 (trinta) dias.

Pondera-se a especificidade de um tempo de transição para a parentalidade adotiva e o surgimento de um período de desafios e negociações, que apesar de todos os cuidados, corre-se o risco de existirem problemas de saúde, de comportamento, stress, etc. Acredita-se que o preparo dos adotantes com informações das crianças é uma atitude que pode facilitar a adoção, a consequência de motivações hedonistas podem acarretar possíveis dificuldades na convivência familiar e ocasionar até a devolução de uma criança. Schetini (2007) argumenta que a adoção precisa ser bem orientada, planejada e não ser simplesmente o desejo de ajudar uma criança.

Identificou-se no casal uma vida repleta de transições com a chegada dos gêmeos, no que diz respeito ao relacionamento conjugal, aos papéis de gênero e funções de proteger, educar, alimentar, cuidar, entre outros. Alguns teóricos Carter e McGoldrick (1995), Bronfenbrenner (1996), Minuchin (1982) associam a transição à vivência de crise conjugal, bem como diminuição da proximidade conjugal, aumento de conflitos na conciliação do papel parental. De forma geral, a teoria sistêmica ofereceu um arcabouço teórico para a compreensão da parentalidade adotiva.

Ressalta-se que as mudanças não ocorreram apenas no subsistema conjugal, mas, nos subsistemas parental e fraternal. Com base no IR elaborado por Silva (2006) observou-se diretamente o cotidiano da família em um período de três meses de coleta de dados. A autora relata que as atividades de rotinas são organizações elaboradas de

acordo com os papéis e responsabilidades dos membros da família. A partir do conhecimento da rotina da família pode-se conhecer o seu funcionamento e como os membros familiares se desenvolvem seus respectivos papéis. A inserção da pesquisadora na residência da família permitiu um acesso direto a todos os tipos de interações entre os pais, filhos e colaboradores.

Sugere-se, então, a partir deste estudo, o acompanhamento especializado do judiciário aos adotantes antes e após o processo de adoção, bem como a revisão do período de licença a maternidade, de trinta dias, não ser suficiente para garantia de laços afetivos em tão pouco tempo. Acredita-se, que um maior tempo de licença para adoção tardia favorece na transição e adaptação para parentalidade. Outra sugestão, que se faz é sobre a necessidade do acompanhamento dos adotantes e adotados no pós-adoção, com encontros agendados com os técnicos do judiciário na residência e momentos de escuta junto a outras famílias adotivas.

Espera-se que o estudo possa trazer contribuições junto a famílias adotivas e o incentivo de outros temas relacionados a adoção de crianças maiores, seja de gêmeos ou grupos de irmãos, por constituir temáticas ainda pouco explorados em nossa realidade acadêmica. Destaca-se a importância de um estudo longitudinal.

Referências

- Abella, M, Benet, C.; Blanxart, N, Prats, D. & Rossell, M.(2007). El servicio de atención post-adoptiva em Cataluña. *Anuario de Psicologia*, 38 (2), 273-281.
- Andrade, R. P.; Costa, N. R. A. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. *Paidéia*, 16 (34), 241-252.
- Ariès, P.(2006). *História Social da Criança e da Família* – Tradução: de Dora Flaksman. – 2. Ed - Rio de Janeiro: LTC.
- Bertalanffy, L. (1975). *Teoria Geral dos Sistemas*. Ed. Vozes.
- Bossardi, C. N. & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, 44 (1), 205-221, abril.
- Brioschi, A. M.; Bronzoni, C. F.; Pereira, E. B. & Cruz, W. T. (2012). Adoção: estudo de caso de um casal adotante. *Mundo Acadêmico/Faculdade Norte Capixaba de São Mateus*. São Mateus: *UNISAM*, 4 (7), 23-29, janeiro/junho.
- BRASIL. LEI nº12.010/09. Dispõe sobre adoção, promulgada em 03 de agosto de 2009.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (Veronese, M. A. V., tradução). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B.; McGoldrick, M. & col. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar* (2º ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Costa, N. R. A. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20 (3), 425-439.

Caillé, P.(1994). *Um e um são três: o casal se auto-revela/* Philippe Caillé. (Tradução José de Souza e Mello Werneck). São Paulo: Summus.

Carvalho, M. C. N. & Miranda, V. R. (2011). In: Jopperr, D. M. R & Fontoura, T. Adoção tardia: a importância do preparo psicológico de candidatos a pais e filhos adotivos, 93-116. *Psicologia Jurídica. Temas de Aplicação*. Curitiba: Ed. Juruá.

Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524.

Dias, C. M. S.B, Silva, R. V. B. & Fonseca, C. M. S. M. S. (2008). A adoção de crianças maiores na perspectiva dos pais adotivos. *Contextos Clínicos 1* (1), 28-35.

Denby, R.W, Alford, K.A e Ayla, J. (2011). The journey to adopt a child Who has special needs: parent's perspectives. *Children and youth services review*, 33, 1543-1554.

De Antoni, C. (2005). *Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico*. Tese / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dias, M. B. *Homoafetividade - o que diz a justiça: as pioneiras decisões do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que reconhecem direitos às uniões homossexuais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2003.

Dos Santos, M. A, Raspantini, R. L., Silva, L. A. M. da & Escrivão, M. V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psicologia*, 4 (1), 14-21.

Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14 (1), 73-80.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Diário Oficial da União. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Brasília: DF.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão*, 11 (2). Porto Alegre.

Fontenot, H. B. (2007). Transition and adaptation to adoptive motherhood. *JOGNN Clinical Issues*, 36 (2), March/April.

Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C. Brito, T. M. C., Oliveira, U. B. & Nakano, T. C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim da Psicologia*, 58, (129), 161-170.

Huber, M. Z. & Siqueira, A. C. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia Teoria e Prática*, 12, (2), 200-216.

Magán, M. & Tarazona, M. C. (2007). El servicio de atención post-adoptiva em la comunidad Valenciana. El trabajo social com la familia adoptiva. *Anuario de Psicologia*, 38, (2), 259-264.

Mariano, F. N. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2008). Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (1), 11-19.

McGoldrick, M., & Gerson, R. (1987). *Genogramas en la evaluación familiar*. Buenos Aires (AR): Gedisa.

McKay, K. & Ross, L. E. (2010). The transition to adoptive parenthood: a pilot study of parents adopting in Ontario, Canada. *Children and Youth Services Review*, 32, 604-610.

Merçon-Vargas, E. A.; Maria Rosa, E. & Dell’Aglío, D. D. (2011). Adoção Nacional e Internacional: procesos proximais no período de convivência. *Salud & Sociedad*, 2 (3), 268-283, septiembre/diciembre.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Moreira, L. V. C. & Biasoli-Alves, Z.M.M. (2007). As famílias e seus colaboradores na tarefa de educar os filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17 (1). São Paulo, abril.

Oliveira, E. M. P. & Reis, A. P. N. (2012). Adoção tardia: um estudo sobre o perfil da criança estabelecido pelos postulantes á adoção. *Revista Jurídica UNIARAXÁ*, Araxá, 16 (15), 105-125, ago.

Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estudo psicologia*, 8 (1), 25-36.

Schettini, S. F. M. (2007). *Filhos por adoção: um estudo sobre o seu processo educativo em famílias com e sem filhos biológicos*. Dissertação de Mestrado/Universidade Católica de Pernambuco.

Schettini Filho, L. S. (1999). *Adoção: origem, segredo e revelação*. Recife: Bagaço.

Schettini Filho, L. S. (1998). *Compreendendo os pais adotivos*. Recife: Bagaço.

Schreiner, G. (2004). *Por uma cultura da adoção para criança?: grupos, associações e iniciativas de apoio à adoção no Brasil*. São Paulo: Editora Consciência social, 2004.

Silva, S.S. C.(2006). *Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da Região Amazônica*. Tese – Programa de Pós - graduação em Psicologia/ Universidade de Brasília.

Sonego, J. C. & Lopes, R. C. S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia*, 29, 16-25, jan./jun.

Souza, H. P. (2008). *Adoção: exercício da fertilidade afetiva*. São Paulo: Paulinas.

Souza, H. P. (1999). *Adoção é adoção*. Curitiba: Juruá, 55-58.

Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39 (1), 74-82, jan./mar.

Vanalli, A. C. & Santana, A. M. (2008/2009). *REVISTA UNIARA*, 21/22, 158-164.

Vargas, M. M.(1998). *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Vidigal, M. M. B. A. & Tafuri, M.I. (2010). Parentalização: uma questão psicológica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology online*,7(2), 65-74, novembro.

Weber, L. N. D.(2011). *Adote com carinho: um manual sobre aspectos essenciais da adoção*. Curitiba: Juruá.

_____. (2009). *Aspectos psicológicos da adoção*. 2ª ed. Curitiba: Juruá.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Anexos

Anexo 2

Entrevista de Genograma (McGoldrick & Gerson, 1987)

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA

1. NOME:
2. DATA DE NASCIMENTO:
3. RELIGIÃO:
4. ESTADO CIVIL:
5. OCUPAÇÃO:
6. ESCOLARIDADE:
7. NOME DO CÔNJUGUE:
8. DATA DE CASAMENTO:
9. DATA DA SEPARAÇÃO:
10. DATA DO DIVÓRCIO:
11. DATA DE FALECIMENTO:
12. CAUSA DO FALECIMENTO:
13. NOME DOS FILHOS/DE CADA CÔNJUGUE:
14. DATA DE NASCIMENTO: IDADE DOS FILHOS:
15. NÚMERO DE ABORTOS:
16. NÚMEROS DE FILHOS ADOTIVOS:
17. . DATA DE NASCIMENTO: IDADE DOS FILHOS:
18. OCUPAÇÃO E ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DA FAMÍLIA ANTERIORMENTE MENCIONADOS:

FAMÍLIA DE ORIGEM PATERNA/MATERNA:

19. NOME DA MÃE E PAI:
20. QUANTOS IRMÃOS/IRMÃS:
21. OCUPAÇÕES: RELIGIÃO:
22. ESCOLARIDADE:
23. NOME DE CADA IRMÃO/IRMÃ E FAIXA ETÁRIA:
24. INCLUIR TODOS OS ABORTOS, NASCIMENTOS E FETOS MORTOS:
25. IRMÃOS ADOTIVOS: IDADE:
26. DATA DE CASAMENTO DOS PAIS:
27. DATA DE SEPARAÇÃO:
28. DATA DE DIVÓRCIO:
29. DATA DE NASCIMENTOS:
30. FALECIMENTOS, CAUSA DE FALECIMENTOS:

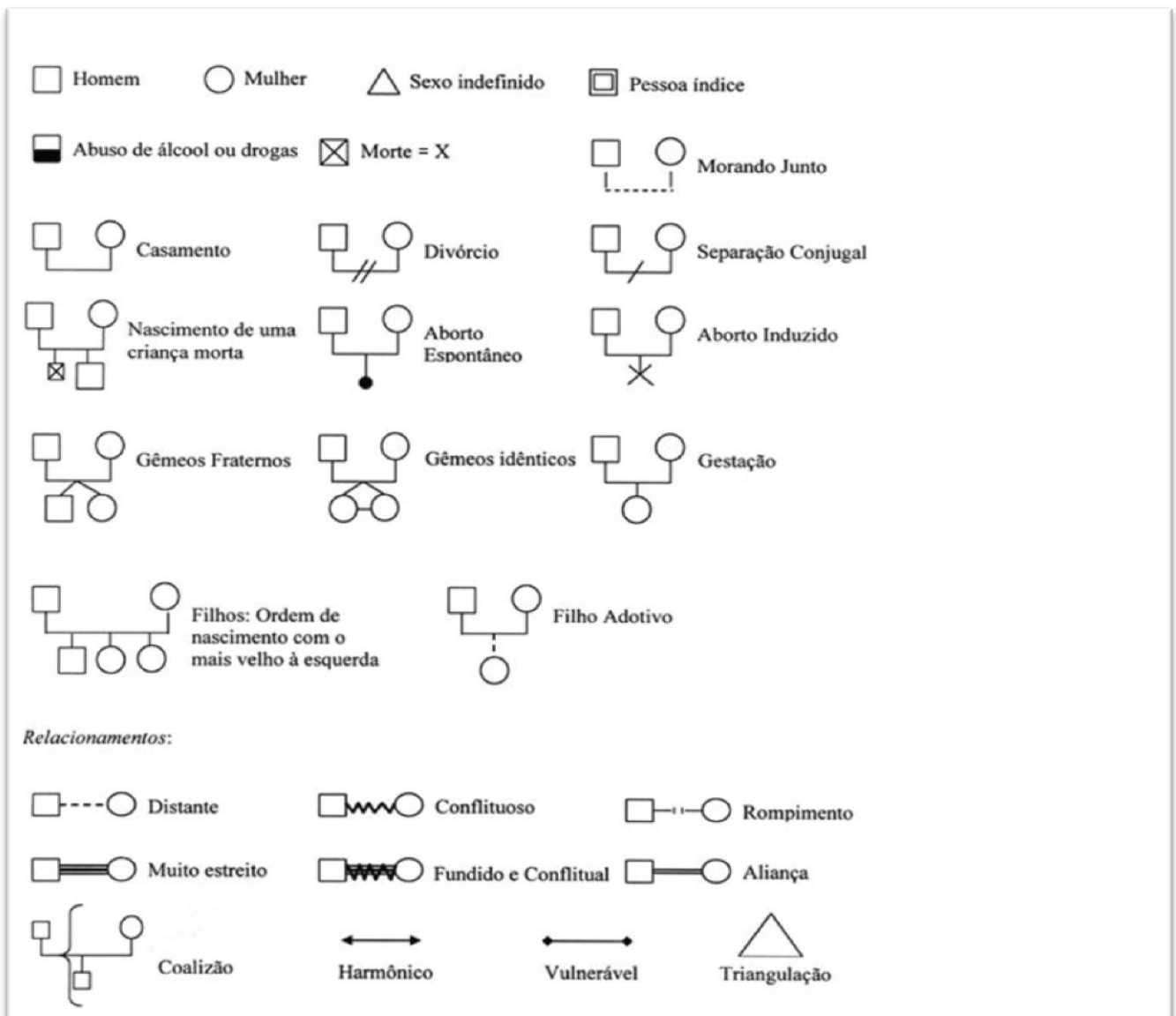
LISTA DE PESSOAS IMPORTANTES NA FAMÍLIA EXTENSA E OS CONTATOS DE AMIGOS MAIS SIGNIFICATIVOS AO CASAL:

31. NOME:
32. OCUPAÇÃO: RELIGIÃO:
33. ESCOLARIDADE:
34. LAZER:
35. QUEM AJUDA A CUIDAR DAS CRIANÇAS:




ADAPTAÇÃO DA FAMÍLIA AO CICLO DA VIDA

36. COLOCAÇÃO DOS GÊMEOS NA FAMÍLIA SUBSTITUTA

Anexo 3
Símbolos genograma
 (McGoldrick & Gerson, 1987)



Anexo 4
Parecer do comitê de ética

 <small>Universidade Federal do Pará</small>	<p>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS</p>	
Carta Provisória: 234/11 CEP-ICS/UFPA		Belém, 15 de dezembro de 2011.
Prof ^a . Márcia Luzia Silva de Oliveira		
Senhora Pesquisadora,		
<p>Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa “ADOÇÃO TARDIA DE GÊMEOS: UM ESTUDO DE CASO DA FAMÍLIA ADOTANTE.” CAEE 0210.0.073.000-11 e parecer nº233/11 CEP-ICS/UFPA foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano CEP-ICS/UFPA, do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará na reunião do dia 7 de dezembro de 2011.</p>		
<p>Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 30 de abril de 2013, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.</p>		
Atenciosamente,		
 Prof. Dr. Wallace Raimundo Araújo dos Santos. Coordenador do CEP-ICS/UFPA		
<hr/> <p>Comitê de Ética em Pesquisa em Seres (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ CCS - Sala 13 - Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto, nº 01, Guamá - CEP: 66075-110 - Belém-Pará. Tel.: 3201-7735 e-mail: cepccs@ufpa.br/ Site: www.ufpa.br/ics</p>		

Anexo 5**Curso de pretendentes à adoção 2013**

GRUPO DE ESTUDO E APOIO A ADOÇÃO DE BELÉM RENASCER, TRIBUNAL
DE JUSTIÇA DO PARÁ E ESCOLA DE MAGISTRATURA

TÍTULO: “DIALOGANDO SOBRE ADOÇÃO”

Tabela: xxxx Curso obrigatório de Pretendentes a adoção

<i>1ª TURMA</i>	<i>19 E 26/02/2013</i>
<i>2ª TURMA</i>	<i>23 e 30/04/2013</i>
<i>3ª TURMA</i>	<i>18 e 25/06/2013</i>
<i>4ª TURMA</i>	<i>27/08 e 03/09/2013</i>
<i>5ª TURMA</i>	<i>22 e 29/10/2013</i>
<i>6ª TURMA</i>	<i>03 e 12/12/2013</i>

Apêndice

Apêndice 1

Roteiro de entrevistas semiestruturada

1º CENÁRIO: O RELACIONAMENTO AFETIVO DO CASAL.

1. No período de 2005 a 2010 como era a rotina (Que atividades compartilhavam juntos)?
2. Como era a rotina com a família de origem (materna /paterna)? Que atividades compartilhavam e qual frequência?
3. Como era a rotina com os amigos mais próximos? Que atividades compartilhavam e qual frequência?

2º CENÁRIO: MOTIVAÇÃO DO CASAL PARA ADOÇÃO.

1. De quem foi à ideia inicial por adotar?
2. Como surgiu essa ideia? (motivo)
3. A decisão foi compartilhada?

3º CENÁRIO: A TRAJETÓRIA DO CASAL NA ADOÇÃO.

1. Que crianças desejavam adotar?
2. Como o casal se preparou para a adoção?
3. O casal obteve algum acompanhamento especializado no período da adoção?
4. Como o casal contou aos familiares que iriam adotar?
5. Que tipo de apoio recebeu dos familiares?
6. De quem foi a ideia de compartilhar com os amigos que iriam ser pais adotivos?
7. Que tipo de apoio recebeu dos amigos?

4º CENÁRIO: O CASAL E AS CRIANÇAS

1. Como foi organizado o quarto das crianças?
2. Como foi a chegada das crianças na residência do casal?
3. Como que vocês sentiram com a presença das crianças?
4. Como foi a primeira semana do casal e as crianças?
5. Como foi a apresentação das crianças a família de origem e aos amigos?

5º CENÁRIO: O RELACIONAMENTO DO CASAL APÓS ADOÇÃO.

1. Hoje como está a rotina da família? (atividades do casal compartilhadas juntas)
2. Que atividades a família compartilha com a família de origem (materna /paterna)? (Frequência)
3. Que atividades a família compartilha com o grupo de amigos mais próximos? (Frequência)
4. Como o casal compartilha o cuidado com as crianças?
5. Vocês frequentam algum grupo de apoio à adoção?

Apêndice 2
Termo de consentimento livre e esclarecido



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COMO DISPOSTO NA
RESOLUÇÃO CNS 196/96 E NA RESOLUÇÃO CFP N°016/2000**

Projeto de Pesquisa: “*Adoção tardia de gêmeos: um estudo de caso da família adotante*”
Prezado (a) participante,

Sou mestrande da Universidade Federal do Pará, no Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. A linha de pesquisa que participo intitula-se: Ecoetologia e dentro desta linha, estou desenvolvendo o projeto “*Adoção tardia de gêmeos: um estudo de caso da família adotante*”. Gostaria de solicitar a participação do casal no projeto de pesquisa acima citado.

O projeto tem por objetivo analisar a dinâmica familiar do casal a partir da adoção tardia de gêmeos que se encontravam em acolhimento institucional. A pesquisa será nos domicílios do casal com encontros agendados no município de Salinas e em Belém. O casal será submetido a entrevistas individuais, que serão gravadas e posteriormente, transcritas pela pesquisadora. Também será construído o genograma, na representação gráfica da família.

A identidade do casal será mantida em sigilo absoluto. A participação neste projeto não tem objetivo de submeter os participantes a qualquer tratamento, bem como não acarretará qualquer ônus pecuniário com relação aos procedimentos efetuados com o estudo. Acredita-se que o risco de tratamento discriminatório ou constrangedor é praticamente nulo. Na eventualidade de ocorrer qualquer situação reconhecida como de risco à dinâmica do casal serão tomadas providências cabíveis para reparar as falhas ou os equívocos cometidos.

Os resultados obtidos neste estudo serão tornados públicos, através de apresentações em congressos, em publicações, ou em aulas, sendo de inteira responsabilidade da pesquisadora, resguardar a identidade dos participantes. Por sua vez, o benefício que esse trabalho poderá trazer para você não é direto e imediato, mas os resultados alcançados no estudo poderão subsidiar de algum modo a elaboração de políticas públicas na pré e pós-adoção junto a candidatos pretensos a adoção tardia.

Desde já agradeço a sua colaboração e coloco-me à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, inclusive através de ligações telefônicas (locais e/ou interurbanas), e-mail ou quando necessário.

Pesquisadora Responsável: Márcia Luzia Silva de Oliveira.
Endereço: Alameda São Pedro e São Paulo, número 47- Guamá
Belém – Pará. CEP: 66075-320. Fone: (91)3259-0400 ou (91)9642-7667.
E-mail: marluzia@yahoo.com.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, autorizo a minha participação, bem como de meus direitos de anonimato e desistir a qualquer momento.

Belém, ___/___/___

Assinatura do participante

Comitê de ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde ICS/CCS/UFPA
Complexo de Sala de Aula/CCS – Sala 13. Campus Universitário, nº 01, Guamá – CEP: 66075-110 – Belém/Pa.
Fax: 3201 – 8028/3201-7735 Email: cepeccs@ufpa.br